



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL  
CAMPUS DE JI-PARANÁ - RO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

“ O FORTALECIMENTO DA LINGUA E CULTURA DJEROMITXI A PARTIR DA  
FORMAÇÃO DOS PROFESSORES”

**Ji-Paraná-RO**  
**2015**

ANDRÉ KODJOWOI DJEOROMITXI

“O FORTALECIMENTO DA LINGUA E CULTURA DJEROMITXI A PARTIR DA  
FORMAÇÃO DOS PROFESSORES”

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, do Departamento de Educação Intercultural, da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para o título de licenciado na área de Ciências da Linguagem Intercultural.

Orientadora: Profa.Ms. Edineia Aparecida Isidoro

**Brasília**  
**2015**

ANDRÉ KODJOWOI DJEOROMITXI

**BANCA AVALIADORA**

“O FORTALECIMENTO DA LÍNGUA E CULTURA DJEROMITXI A PARTIR DA  
FORMAÇÃO DOS PROFESSORES”

Esta monografia foi julgada adequada à obtenção do título de Licenciado na área de Ciências da Linguagem Intercultural, aprovada em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia.

Ji-Paraná, 11 de agosto de 2015.

Professora Ms. Edineia Aparecida Isidoro (orientadora)  
Universidade Federal de Rondônia- UNIR

Prof. Ms. Cristóvão Teixeira Abrantes (Membro interno)  
Universidade Federal de Rondônia- UNIR

Prof. Ms. Luciana Castro de Paula (Membro interno)  
Universidade Federal de Rondônia- UNIR

Profa. Ms. Mary Gonçalves Fonseca ( Membro externo e convidada de Honra)  
Universidade Federal do Amapá

*Dedico este trabalho a minha comunidade  
pela compreensão e apoio durante todo o  
período de minha formação.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a meus pais Raimundo Kubähi Kurupfũ e Nazaré Wadjidjika Arikapu, apesar de não saberem ler e escrever deram muito apoio para o meu crescimento pessoal e profissional, trabalharam noite e dia para que eu tivesse meus vestimentas e meus alimentos do dia- a- dia, me ensinaram a educação cultural do meu povo;

Em segundo lugar quero agradecer a meus irmãos e irmãs, que me ajudaram nos alimentos dos meus filhos na minha ausência;

À minha esposa Clarice Ajurú e a meus filhos, Cleia, Nilda, Ângela, Kadje, Kaidji, Djakobi e Yago Hõoka todos da família kurupfũ, que me esperaram durante minha formação que durou dez anos: cinco anos no projeto Açaí e mais cinco anos no curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural.

Aos professores colaboradores do curso Junior Lopes, Aparecida Augusta da Silva, Maxwell Gomes Miranda, Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Marci Fileti Martins.

Aos docentes do curso de licenciatura em Educação Básica Intercultural UNIR Campus de Ji-Paraná Edineia Aparecia Isidoro, minha orientadora, Kécio Gonçalves Leite, José Joaci Barbosa, Genivaldo Fróis Scaramusa, Reginaldo de Oliveira Nunes e Cristovão Teixeira Abrantes, Maria Lucia Cereda Gomide, Vanúbia Sampaio dos Santos, João Carlos Gomes e Josélia Gomes Neves que contribuíram com a minha formação acadêmica;

Também agradeço a minha comunidade, lideranças e meus parente que acreditaram no meu trabalho.

*"Um povo sem conhecimento, saliência de seu  
passado histórico, Origem e cultura. É como  
uma árvore sem raízes"*

**“Bob Marley”**

**RESUMO-** Este trabalho teve como objetivo de investigar a contribuição da formação dos professores indígena para a instauração de políticas de fortalecimento da língua e cultura Djeoromitxi na comunidade Baia das Onças. Então a questão que eu quis responder foi: A formação dos professores djeoromitxi da Baia das Onças contribuiu e está contribuindo para uma prática de fortalecimento cultural e da língua na comunidade? Minha motivação foi tentar entender, ou confirmar que o Projeto Açaí e as formações que os professores receberam foram importantes para reafirmar e fortalecer nossa identidade. Para isso realizei leituras dos autores Mindlin (1999), Bosi (1993), RCNEI (1998), Albó (1988), Isidoro (2006), Monte (2000), Pereira (2015). Após as algumas leituras realizei entrevistas com membros da comunidade, professores djeoromitxi, professores que foram envolvidos na formação de professores. Depois investiguei a situação da língua na comunidade e observei algumas aulas pra verificar o trabalho dos professores. Verifiquei que, por meio da formação dos professores, realmente a nossa língua e cultura estão sendo fortalecidas. A escola é um elemento fundamental para isso, nas minhas observações percebi que as crianças e jovens mesmo não falando a língua já entendem muitas coisas, escrevem e lêem. Muitos pais estão ensinado, mas muitos ainda não ensinam a língua em casa, a escola acaba fazendo este papel. A partir deste trabalho meu desafio é o de continuar fortalecendo cada vez mais a língua, a cultura, as artes, as ervas medicinais enfim os conhecimentos tradicionais, por meio da escola e na comunidade. Também quero que um dia todos djeoromitxi da comunidade utilizem a língua no cotidiano das suas casas e os conhecimentos tradicionais que são importantes possam conviver com os conhecimentos importantes que a gente traz da Universidade e de outras relações que temos com a sociedade não-indígena.

**Palavras-chave:** Formação de professor. Escola indígena. Língua e cultura djeoromitxi.

## HIPIRO PAKATÃ DJEOROMITXI PIRÕRI

Newe nĩhõnõnõ djiri hõnõpabüa añõã-dje, hatxinĩ djirütätã hõnõpabü wa i ã. Ätĩ hihõnõpabüa djirütätã hõnõ pabü,hipiro-ri, hihõnõ átõã bzi kunĩ, projeto Açai nĩha hihõnõpabü. Newe ripiro djiädje hüma Mindlin (1999), Bosi (1993), RCNEI (1998), Albo (1988), Isidoro (2006), Monte (2000), Pereira (2015). Na tutu piro Änõ na ã hüma ipiro ko nĩ.ätĩ bädjo djirütätã,hanõtxi hipiro wa, ebihe.

**Hipiro medjü a:** hihõnõpabüa honõrü a dje. hihõno pabüa nika. Djeoromitxi piro ihonõ ipiro nĩ.

## LISTA DE MAPAS E IMAGENS

Mapa 1	Mapa da Localização dos Povos que viviam próximos ao Rio Branco- e o povo djeoromitxi	18
Mapa 2	Terra Indígena rio Guaporém	26
Imagem-1	Casa tradicional do povo djeoromitxi	19
Imagem-2	Vista aéreo da aldeia baia das onças	26
Imagem 3	Escola Alexandrina do Nascimento Gomes	34
Imagem-4	Pintura corporal na cuia	72
Imagem-5	mulheres fazendo linha de algodão	72
Imagem-6	criança fazendo <i>tere</i> (tipo de berço para criança)	72
Imagem-7	Aluno construindo banco de pajé	72
Imagem-8	Artesanato djeoromitxi feito pelos alunos	74
Imagem-09	Tocaia construída pelos alunos	75

## LISTAS DE SIGRAS

UNIR –	Universidade Federal de Rondônia
IAMÁ	Instituto de Antropologia e Meio Ambiente
RCNEI	Referencial Curricular para as Escolas Indígenas
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado de Rondônia
ONG	Organização Não Governamental
LDB	Lei de Diretrizes e Base
PNE	Plano Nacional de Educação
CEEJA	Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
NEIRO	Núcleo de Educação Escolar Indígenas de Rondônia
PENUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
MEC	Ministério da Educação
TI	Terras Indígenas
CNE	Conselho Nacional de Educação
LD	Língua djeoromitxi
LP	Língua Portuguesa

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 – População por idade e sexo.....</b>	<b>26</b>
<b>Gráfico 2.- População por etnia e sexo .....</b>	<b>27</b>
<b>Gráfico 3- Proficiência das LD e LP de 00 a 12 anos .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>Gráfico 4- Proficiência das LD e LP de 13 a 16 anos .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>Gráfico 5- Proficiência das LD e LP de 17 a 39 anos .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>Gráfico 6- Proficiência das LD e LP de 40 a 60 anos .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>Gráfico 7- Proficiência das LD e LP de mais de sessenta anos. ....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPITULO I – POVO DJEOROMITXI – REMEMORANDO TEMPOS DE MALOCA E TEMPOS ATUAIS.....</b>	<b>13</b>
<b>O povo Kurupfũ ... ..</b>	<b>13</b>
<b>Kurupfũ: uma historia ainda não contada.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2. O povo Djeoromitxi.....</b>	<b>17</b>
1.2.1. Os casamentos.....	20
1.2.2. Como eram os funerais .....	22
1.2.3. Regras da Educação /Religião Djeoromitxi.....	23
<b>1.2.3.4. Dirihitoã Dje – ritual de proteção.....</b>	<b>23</b>
<b>CAPITULO II – O CONTEXTO DA PESQUISA E A METODOLOGIA .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1- A Baía das Onças .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2- A Escola Hoje.....</b>	<b>32</b>
2.3- A metodologia utilizada.....	36
<b>CAPITULO III - FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS: UMA BREVE REFLEXÃO.....</b>	<b>39</b>
3.1- Formação de Professores no Estado de Rondônia – Projeto Açaí- primeira turma.....	41
3.1.1. Relato da professora Edineia Aparecida Isidoro .....	42
3.1.2. Entrevista com docente Cristovão Abrantes Teixeira.....	46
<b>CAPITULO IV - A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DJEOROMITXI E A REPERCUÇÃO NA COMUNIDADE – ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>51</b>
<b>4.1. MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO .....</b>	<b>51</b>
4.1.2. Entrevista com o professor José Roberto Jaboti .....	51
4.1.2. Entrevista com a professora Alina Jaboti 2 .....	56
4.1.3. Entrevista com o professor Armando Jaboti .....	56
4.3. Repercussões da formação na aldeia.....	64
4.3.1. A proficiência nas línguas djeoromitxi e portuguesa. ....	64
4.3.2. O aprendizado da língua por meio de músicas, história e artes.....	68
3.3.4. A linha do tempo da perda a retomada de nossa língua e cultura.....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo investigar a contribuição da formação dos professores indígena para a instauração de políticas de fortalecimento da língua e cultura Djeoromitxi na comunidade Baia das Onças. Então a questão que eu quis responder foi: A formação dos professores djeoromitxi da Baia das Onças contribuiu e está contribuindo para uma prática de fortalecimento cultural e linguístico na comunidade?

Minha motivação foi tentar entender, ou confirmar que as formações que os professores djeoromitxi participaram e, principalmente, o Projeto Açaí foram importantes para reafirmar a nossa identidade.

Para desenvolver esta pesquisa realizei leituras, li o livro terra Grávida, Betty Mindlin (1999), este me ajudou com relação a história do povo. Depois li o texto Pesquisa em Memória Social de Ecléia Bosi (1993) para entender o que é um relato auto-biográfico, que utilizei para escrever as minhas memórias de formação. Li também relatórios do projeto Açaí e o Referencial Curricular para as Escolas Indígenas (1998) as seções de legislação e linguagem. Entrevistei membros da comunidade, professores *djeoromitxi*, professores não indígenas que atuam na formação de professores no estado de Rondônia. Depois investiguei a situação da língua na minha aldeia e observei algumas aulas na escola Alexandrina do Nascimento Gomes para observar o trabalho dos professores *djeoromitxi*, hoje.

Este trabalho esta organizado em quatro capítulos. No primeiro escrevi a história do povo djeoromitxi, desde o contato com outros povos indígenas até o contato com os não-indígenas. Neste capítulo contei históricas míticas sobre o povo kurufü. No segundo capítulo eu falei sobre o contexto da pesquisa e a metodologia. Falei sobre a trajetória da minha família, sobre a aldeia Baia das Onças e sobre a criação da escola. No terceiro capítulo fiz uma breve reflexão sobre a formação de professores indígenas, principalmente em Rondônia. No quarto capítulo falei sobre o processo de formação dos professores djeoromitxi e a repercussão desta formação na comunidade.

Por fim, fiz minhas considerações finais.

## CAPITULO I – POVO DJEOROMITXI – REMEMORANDO TEMPOS DE MALOCA E TEMPOS ATUAIS

### O povo Kurupfũ ...

Eu sou *djeoromitxi*, mas os mais velhos contam que nos tornamos *djeoromitxi*, ou somos chamados assim, mas na verdade pertencemos a um povo chamado de *kurupfũ* que em português significa buriti. Este povo teve contato com os *djeoromitxi* e acabou quase desaparecendo devido aos casamentos entre *djeoromitxi* e *kurupfũ*, também às grandes epidemias. Tudo isso levou ao quase desaparecimento de nossa história. Hoje somos chamados de *djeoromitxi*, aceitamos esta denominação, mas ainda nos sentimos *kurupfũ*.

Passo a contar um pouco desta história.

### **Kurupfũ: uma historia ainda não contada...**

Quando eu era criança meu pai contava que os *kurupfũ* era um povo separado dos Djeoromitxi, não tinha contato cultural e nem linguístico com eles. Não entendia nada da língua Djeoromitxi, pois os *kurupfũ* tinha sua língua e cultura própria diferente dos *djeoromitxi*. As características físicas dos *kurupfũ* eram bem distintas dos outros indígenas, eram altos, brancos, cabelos não muito negros.

Um dia chegou na roça dos *kurupfũ* uma família *djeoromitxi*, pai , mãe, filho e filha, refugiados do ataque de um bicho chamado na nossa língua *djeoromitxi* de *tepori nõtxi*, que seria um bicho bem grande parecido com gente mas tinha muito cabelo no corpo, que acabou com o povo *djeoromitxi*. Contava os velhos *djeoromitxi* que os bichos, era um casal, um macho e uma fêmea, usavam uma luz como um lampião que iluminava a maloca toda. Assim eles entravam na casa das pessoas a noite e ia rasgando o peito delas com suas unhas, tiravam o fígado e colocava no marico da mulher dele. As pessoas não acordavam, ficavam adormecidas, eles tinham um mistério que a pessoa dormia e não acordava quando ele atacava.

Assim foi acabando o povo djeoromitxi, só essa família escapou porque o chefe da família era pajé.

Chegando à beira da roça, a família fugitiva, mais ou menos cinco horas da tarde, fez um tapiri e passou a noite sem dormir, sentados a beira de uma fogueira. De madrugada, quando o jacu bate as asas sabemos que já é madrugada, o velho djeoromitxi levantou e fez seu foguinho para esquentar a folha de tabaco que chamamos de *padji ku* na língua djeoromitxi. Às sete horas da manhã o velho pediu para seu filho subir em uma árvore bem alta que chamamos de *bodjerürü*— laranjinha em português. Seu filho subiu e ficou olhando de cima da árvore para a roça, para ver quem ia chegar lá, pois não sabia qual povo era o dono daquela roça. Dali a pouco, lá vinha um casal de velho *kurupfü* para trabalhar na roça, arrancar mato com a ponta da espada<sup>1</sup>. O filho do velho djeoromitxi fez um sinal que estava chegando gente na roça. Rapidamente ele desceu da árvore e cochichou no ouvido de seu pai dizendo que era um casal de velhos, mas não sabia de qual etnia. O velho falou para seu filho:

-Fique aí com sua irmã e sua mãe, vou tentar pegar ele, se eu não conseguir e morrer vocês vão embora, me deixem. Agora eu vou tentar pegar eles.

Saiu abaixado na direção dos velhos por de trás do toco, até que chegou perto. Deu um pulo como uma onça e agarrou o velho *kurupfü*, quando agarrou caiu num pranto desesperador. O velho *kurupfü* não entendia nada do que estava acontecendo e ficou sem ação. Sua esposa queria correr, mas o velho disse a ela:

- Não corra. Vamos tentar entender o que ele quer, ele está chorando, algo deve ter acontecido com ele.

Em alguns minutos os dois se soltaram e tentaram se entender conversando, então, ficaram calmos e conversaram utilizando gestos. Após a conversa pediu para sua esposa chamar o povo na aldeia e trazer chicha para o homem desconhecido.

Chegando lá na maloca, a velha avisou o povo o que tinha acontecido e trouxe a chicha para o desconhecido, como o seu esposo pediu. Os jovens guerreiros *kurupfü* vieram armados com arco e flecha ao encontro desse estranho. O filho do velho estava em cima da árvore e de lá comunicava com sua mãe, através de sinal tudo o que estava acontecendo. Ela estava escondida no mato. Chegando na roça, onde estava o estranho, quiseram logo executá-lo, mas o velho *kurupfü* disse:

---

<sup>1</sup> A espada é uma espécie de terçado confeccionado de uma palmeira chamada pupunha. É um material bem resistente e servia para tirar broto dos tocos para não deixar crescer na roça.

-Não matem ele. Eu acho que acabaram com sua família e por isso nós devemos entender o que realmente aconteceu.

Logo em seguida os jovens baixaram as flechas. O pajé *djeoromitxi* contou com os dedos quantas pessoas estavam ainda no mato, seus filhos e esposa. Os jovens *kurupfũ* foram a procura deles para levá-los até a aldeia e lá estavam eles parados em baixo de uma árvore. Logo foram pegando seus pertences e seguindo os jovens *kurupfũ* para a aldeia.

Chegando na aldeia os jovens *kurupfũ* já se interessaram pela sua filha. O velho pajé, então, entregou sua filha para um jovem *kurupfũ* e seu filho casou-se com a jovem *kurupfũ*, assim foram formando família. Penso que esta atitude foi um jeito de criar uma aliança com este povo até então desconhecido e pensando em aumentar a família *djeoromitxi*. Tanto para o povo *djeoromitxi*, quanto para os *kurupfũ* os filhos de um jovem *kurupfũ* com uma jovem *djeoromitxi* são *kurupfũ*. Se um a Jovem *djeoromitxi* casar-se com *kurupfũ* seus filhos são *djeoromitxi*.

No outro dia o velho *djeoromitxi* falou um pouco por meio de gestos e algumas palavras que iam aprendendo da outra língua que os bichos que acabaram com o povo dele iriam chegar ali atrás dele, pois eles sabiam aonde ele tinha vindo, porque conhecia seu cheiro. E disse:

-Vamos nos preparar para matá-lo.

Todos ficaram bastante assustados e concordaram em esperar os bichos, ou se prepararem para a sua chegada, pois, se os bichos tinham acabado com o povo dele, provavelmente acabaria com os *kurupfũ* também. A preparação dos *kurupfũ* consistia em fazer as flechas e tomar banho de uma folha para se fortalecer contra o poder do *tepori nõtĩ*, para não dormirem, nem sentirem moleza no copo, na hora que eles chegassem perto.

Primeiro fizeram muitas flechas que na língua se chama *tarahe*, cujo talo é tirado de uma palmeira chamada aricuri este material é apropriado para matar este tipo de bicho, porque ele fura e não solta, fica grudado no corpo. Depois foram para o banho. Também fizeram dentro das casas um tipo de jirau, chamado na língua de *kabekä*, que é feito de talo de aricuri, para esperar o bicho *tepori nõtĩ*. Depois de três dias com tudo preparado, arcos e flechas, o pajé falou para as mulheres, crianças e velhos se juntarem em uma maloca só. O velho *djeoromitxi* chegou primeiro, pois era nesta maloca que o bicho iria entrar. Quando a tarde chegou os jovens guerreiros já estavam preparados para o desafio de enfrentar uma fera que não conheciam. O pajé como já conhecia preparou também a aldeia para a chegada dos bichos

por meio de um ritual, isto fez com que todos percebessem a sua chegada. Pois se não houvesse a preparação ele não seria percebido e provavelmente todos morreriam

A meia noite ouviram o barulho dos animais que estrondava muito alto na mata. O velho djeoromitxi falou:

- São eles, não durmam eles têm um poder muito forte. Se não cuidarem podem adormecer e os bichos podem pegar vocês.

Todos se prepararam, mesmo sem saber direito o que o velho dizia, entenderam que os *tepori nōti* estavam chegando e eles tinham que ficar alertas.

*Tepfori nōti* vinham com uma luz que clareava a aldeia toda, entrou na maloca, aquela que o pajé havia dito, e começo a falar:

-Onde foram minhas comidas?

Eles tinham deixado de isca uma velhinha, porque ela não podia subir nos girais e nem andar, ficou deitada na rede, mas ele não quis comê-la. Quando ele virou para porta para sair da maloca começaram a flechá-los, como estava combinado, flecharam o macho e a fêmea de uma vez, até que os dois saíram no terreiro, logo os jovens desceram dos girais e começaram a flechar no terreiro, ela e ele caíram sobre o solo, mortos. Todos festejaram muito a vitória e arrastaram os dois para o mato e tocaram fogo nas feras.

Depois desta vitória, a família djeoromitxi ficou morando ali por algum tempo, até que a família aumentou, então eles, inclusive a mulher *kurupfü* que tinha casado com os djeoromitxi, foram para uma aldeia próxima e continuaram a manter contatos com os *kurupfü*. Deste contato houve muito aprendizado e troca de conhecimentos.

Meu pai contava que o nosso povo *kurupfü*, não tinha tabaco, fumava a casca de uma árvore como tabaco, o nome desta árvore na língua djeoromitxi é *padjiku*<sup>2</sup>, não tenho conhecimento de como essa planta é chamada em português. Aprenderam a fumar o tabaco com o pajé djeoromitxi. Os *korupfü* também não choravam quando alguém morria, não enterravam os mortos. Quando se verificava que a pessoa estava realmente morta o corpo era descartado como o lixo da casa, era colocado no mesmo lugar onde a era depositado o lixo do quintal e coberto por ele.

Também não existia pajé, essa função foi ensinada pelo pajé djeoromitxi. Com relação à língua os dois povos foram aprendendo a língua do outro para se comunicarem. Não é possível afirmar como a língua *kurupfü*, cuja população era maioria, desapareceu, ficando

---

<sup>2</sup> *Paddi*- árvore, *ku* – tabaco.

apenas a língua djeoromitxi, a língua falada hoje por nós é a djeoromitxi, assim falava meu pai ele dizia "essa não é nossa língua não é a língua do povo *korupfë*". Ele dizia que não aprendeu falar *kurupfï* porque saiu muito cedo de perto do pai dele, ele se criou com família makurap, por isso ele falava makurap, djeoromitxi e algumas palavras em kurupfï. Pode ser que haja na nossa língua hoje palavras emprestadas do kurupfï, mas isso precisava de um estudo mais aprofundado.

Não sabemos quanto tempo de contato houve entre estes povos, o que sabemos é que houve muita troca de conhecimento e muitos aprendizados entre eles.

Com o contato com não-indígena veio a epidemia de sarampo acabando com o povo kurupfï, ficando só alguns jovens no meio dos djeoromitxi. Com o tempo o povo kurupfï foi incorporado aos djeoromitxi, quem se lembra e sabe desta história eram esses jovens sobreviventes do contato. Os não indígenas vieram e reconheceram os dois povos como jabuti como são conhecidos até hoje.

Neste trabalho vamos nos reportar aos povos *djeoromitxi* e *kurupfï* como *djeoromitxi*.

## **1.2. O povo Djeoromitxi...**

O povo Djeoromitxi vivia tradicionalmente na região sul do Estado de Rondônia, na região de Alta Floresta D' Oeste. Segundo meu pai Ariano Korupfï, conhecido como Raimundo Jaboti, falecido no dia 22 de novembro de 2012, o nosso povo morava mesmo na cabeceira do Rio Branco perto de um campo muito grande, ele até achava que era perto do que é hoje Mato Grosso.

O mapa abaixo de Franz Caspar (1953) ilustra a localização da aldeia djeoromitxi e dos povos que viviam naquela região.



**Imagem 1 - Casa tradicional djeoromitxi**



Casa tradicional djeoromitxi, créditos André Jaboti

As atividades de subsistência baseavam-se na pesca, caça, coleta de fruta e agricultura. Plantavam e plantam até hoje milho mole, feijão fava, macaxeira, amendoim, mamão, inhame e criavam várias espécies larvas comestíveis como *hanõ*, *ori*, *nõpfõ* e *tüdjü*.

***Hanõ*** - Primeiro fura o palmito de aricuri e deixa quinze dias ou mais, depois está pronto para utilizar como alimentação e de tratamento de alguma doença.

***Ori***- é cultivada com bagaço de milho. Deixa o bagaço de milho em um cocho e cria a larva que é utilizada como alimentação.

***Nõpfõ*** - essa lagarta encontra-se em uma árvore chamada de *nõpfõ ku* – árvore do *nõfpõ*.

***Tüdjü*** - é uma larva que come o palmito da capemba do tukumã. Estes alimentos são utilizados até hoje pelos djeoromitxi.

Na aldeia há várias funções sociais tal como cacique, pajé, parteira e conhecedor de ervas medicinais. Para fazer sua arte utilizava material da floresta, *du* (marico) é feito da fibra de uma palmeira que chamamos de *nõnõkahi* – tukum. O arco e a flecha são feitos de madeira de pupunha e fibra de tucum. Este instrumento de caça é utilizada ainda nos dias de

hoje. Faz o *hote* – esteira, serve para sentar, é utilizada para a mulher se sentar. *Toé* – cesto de palha de aricuri que serve para colocar amendoim, cará, chocar ovos.

O papel dos pajés era o de curar as doenças físicas e espirituais. O nosso pajé não acredita que existem doenças, todas elas são causadas pelos espíritos ou por alguém que utiliza as plantas que podem fazer mal à outra. Ele era uma pessoa muito importante na aldeia, ele tem respeito pela natureza, árvores, rios e igarapé, cada um desses elementos tem um povo que vive ali espiritualmente, assim cada local tem um dono e o pajé tem diálogo com esses espíritos.

Quando ocorria uma morte o pajé tinha o poder de trazê-lo de volta e então o espírito contava tudo o que tinha acontecido para o pajé e para a família. Meu pai contava que tinha uma irmã que morreu envenenada, como seu pai era pajé, ele a chamou de volta para contar sobre como morreu e sobre como era a sua vida no outro plano. Então para os Djeoromitxi, quando alguém morre passa para outro plano e continua sua vida normal. O pajé também é um grande cientista no conhecimento de ervas, as ervas eram reveladas a ele por meio de sonho. Também tinha poder de antecipar os acontecimentos e viesse algum inimigo, ele avisava que alguém iria chegar. Minha tia disse que ele era pajé muito forte, ele caía na água e dizia que iria para outra aldeia embaixo das águas, ela ficava esperando muito tempo, mais de uma hora e de lá ele trazia alimentos como pamonha, *hano*. O pajé tinha poder de tirar mel, ele chamava para pegar mel, ele ia no meio do terreiro e fazia um ritual e o mel escorria do céu no terreiro limpo, fazia jorrar mel.

O cacique tinha a incumbência de organizar o trabalho da comunidade, como fazer a roça, colher, fazer mutirão, por ordem na comunidade. Era uma função que passava de pai para filho. O filho que seria cacique era escolhido de acordo com suas características, ser ligeiro, bom caçador, respeitador da comunidade, ser valente, iniciativa etc.

Conhecedores das ervas poderia ser pajé ou outra pessoa que aprendesse o poder das ervas.

### **1.2.1.Os casamentos...<sup>4</sup>**

Os djeoromitxi costumavam entregar sua filha desde ainda criança para determinado jovem, dizia: esta é sua mulher, mas a menina continuava na casa dos pais, então já estavam

---

<sup>4</sup> Informações baseadas em entrevista com Nazaré Arikapú no mês junho de 2015.

praticamente casados, mas ainda não podiam dormir juntos, entretanto a moça já crescia sabendo com quem iria se casar. O futuro marido, que sempre era mais velho, levava alimentos todos os dias durante seu crescimento até a sua primeira menstruação.

Quando acontecia a sua primeira menstruação a menina era escondida dentro de casa atrás de uma *hote* (esteira) durante sua menstruação, não podia comer e nem beber água, só um pouco de chicha ainda com autorização do pajé. Quando ela saía o pajé fazia um ritual para ela poder comer e também para fazer uma boa chicha para seu marido.

Para os jovens o ritual baseava-se em colocar o *obäre* (capa) na cabeça do seu pênis depois era chicoteado pelos mais velhos e pajé, daí por diante o rapaz já estava liberado para o trabalho e namoro.

Para casar de verdade e dormir juntos o casal precisava passar pelo ritual do povo. Neste ritual os pais se reuniam para organizar as atividades, os homens iam caçar e pescar e as mulheres ficavam em casa para fazer chicha. Depois de três dias os caçadores chegavam em casa e já estava tudo pronto, à tarde convidavam os pajés para darem início a conversa com o casal. Os pajés iniciavam os conselhos. Primeiro diziam para o casal nunca se separarem, criar todos os filhos que nascessem deles, ser um homem e mulher forte, valente e trabalhadores. Em um segundo momento colocavam o casal em cima de duas pedras frente a frente, e ficavam em pé a noite toda, um olhando para o outro e o conjunto de pajé se aproximava do casal para chicoteá-los de hora em hora até o dia amanhecer. Para respeitar o ritual o casal não poderia chorar e nem reclamar, até porque o pajé falava que quem chorava morria mais cedo e quem não chora morria de velhice. Quando amanhecia o dia duas pessoas escolhidas pelo pai dos noivos, já estava com um pote de água morna e outra fria para jogar em cima do casal. Primeiro jogava água quente, depois água fria em cima. Assim tiravam o casal da pedra. Depois disso, o pajé curava os dois por meio de um ritual específico, dava alimentação ao casal e depois a comunidade comia e fazia festa. Os pais dos noivos os pintavam para a festa. Daí por diante eles já eram casados e podiam dormir juntos pelo resto da vida. Este ritual não acontece mais nos dias atuais.

Alguns Djeormitxi poderiam ter outra mulher, mas dependia da sua função como grande caçador, músico, pajés. A segunda esposa não teria direito ao ritual de casamento.

### 1.2.2. Como eram os funerais

Quando morria alguém na aldeia *djeoromitxi* todos os parentes choravam durante muito tempo, depois os parentes próximos continuavam. O morto era enterrado depois de dois dias da morte, antes de enterrarem os mortos passavam óleo de patoá e pintavam o corpo de seiva para ajudar na conservação do cabelo e da pele vermelha do corpo. Enterravam seus mortos dentro de casas, sentados e dentro de um pote feito de barro fechado com tampas perto da rede do pai e da mãe, se fosse casado perto da rede da mulher. Por cima do túmulo mantinha-se acesa durante dias uma fogueira para ajudar na preservação dos restos mortais. Quando a família mudava de casa para a outra nova levava consigo as urnas para enterrá-la novamente em uma nova casa. Todos os utensílios do morto eram queimados, flechas, rede, produção (amendoim, milho), enfeites entre outros.

Era costume depois de uma semana da morte, o pajé pedir para os membros da família fazerem alimentos para o morto, porque o espírito ainda estava sofrendo. O pajé pedia para os pais ou parente fazerem comida como gongo, ovos, pamonha e peixes para o espírito do morto. Quando chegava a noite o pajé fazia seu ritual e trazia de volta o espírito, para comer e beber água. Segundo meu pai que já é morto quando ele era jovem participou do ritual da morte de seu avô e que realmente a pessoa vivia, eles viam a pessoa pela claridade do fogo do tabaco do seu avô e que escutava as pessoas comendo e contando como foi a sua vida aqui na terra e também contando como morreram. O pajé era fundamental na comunidade, era um sábio da comunidade. Tinha o dom da profecia, ou seja, tudo o que ele previa acontecia, como por exemplo, mortes, mudanças no clima, chuva, descobria ervas medicinais pelo sonho e curava as doenças do espírito. Hoje na aldeia não tem um pajé forte, tem apenas um, mas não tem muita atividade, porque ele não aprendeu tudo, pois não deu tempo, os pajés morreram sem terminar de ensinar.

Em nossa religião respeitamos muito a natureza, porque para os *djeoromitxi* todas as árvores, igarapés, rios e animais têm seus donos. Por exemplo, é recomendado pelo pajé que as mulheres que ganham bebê não passem perto de árvores grossas nem comam peixe ou qualquer animal, porque o seu dono pode pegar o espírito da criança; não joguem água nas crianças na beira de um rio ou igarapé senão o dono pode pegar o espírito da criança. Para os *djeoromitxi* os homens que praticam mal aqui na terra, nunca vai ser perdoado até a morte levar. Quando ele morre seu espírito é comido lá no céu por um bicho *bearaparitxi*, então não é aconselhado aos *djeoromitxi* praticar maldade com os parentes.

### 1.2.3. Regras da Educação /Religião Djeoromitxi

A educação *djeoromitxi* acontece em casa, pelos pais avós e avôs. Eles ensinam a história do povo, como surgiu a humanidade, as plantas, céu, rios, igarapé, alimentos e animais. A religião é a parte principal desta educação, por meio dela são ensinadas as proibições. Por exemplo:

- Não usar cabelo cumprido porque o bicho (espírito que pode fazer mal) pode pegar;
- não baleiar demais a caça senão o dono dela pode não gostar;
- andar sempre pintado para se proteger contra os maus espíritos.
- não vender alimentação, sempre repartir tudo que caçar e pescar, porque se ele não for uma pessoa boa, quando morrer o seu espírito não vai passar pelo *bearaparitxi*;

Como podemos verificar é na religião *djeoromitxi* que estão contidas as regras de moral e convivência.

Os *djeoromitxi* tem um profundo respeito pela natureza, como as árvore, os rios, os igarapés e pelos seres humanos. Nós, *djeoromitxi*, nunca falamos que o nosso Deus vai voltar, sabemos que um dia ele já esteve na terra para libertar os homens que estavam preso em um buraco de uma pedra, deixando seu ensinamento para que os homens pudessem viver sem destruir a natureza. O nosso Deus, esse que nos descobriu, pois nosso Deus não nos fez ele nos descobriu. Ele não morreu, ele foi embora depois de deixar todos os povos com língua própria, dividindo o mundo com espaço para cada povo foi embora para *bekü* o que seria o céu.

#### 1.2.3.4. Dirihitoä Dje – ritual de proteção.

Quando a criança nasce, ela ainda não está protegida contra os maus espíritos, por isso há um ritual para protegê-la que consiste na escolha de alguém da comunidade que pode ser escolhido pela mãe ou pode se oferecer para ser esta pessoa que irá ter um papel importante na formação da criança. Sempre será um homem, aí a mulher dele será também a pessoa que irá cuidar desta criança. Quando a criança nasce esta pessoa vai caçar e pescar e traz os alimentos para família, com a presença do pajé, simula que ela está comendo como se estivesse apresentando a criança aos donos dos animais, para que quando a criança comer

estes animais ela não passe mal. Este casal é como pais desta criança, se os pais morrerem ela assume a sua educação.

Os *djeoromitxi* hoje estão vivendo em várias Terras Indígenas no estado de Rondônia: Rio Guaporé, Pacaás Novos, Sagarana, Igarapé Lage, poucos falam a língua de seu povo e sabem pouco também da sua cultura. Neste trabalho vamos falar mais do povo *djeoromitxi* da aldeia Baía das Onças, localizada na Terra Indígena Rio Guaporé.

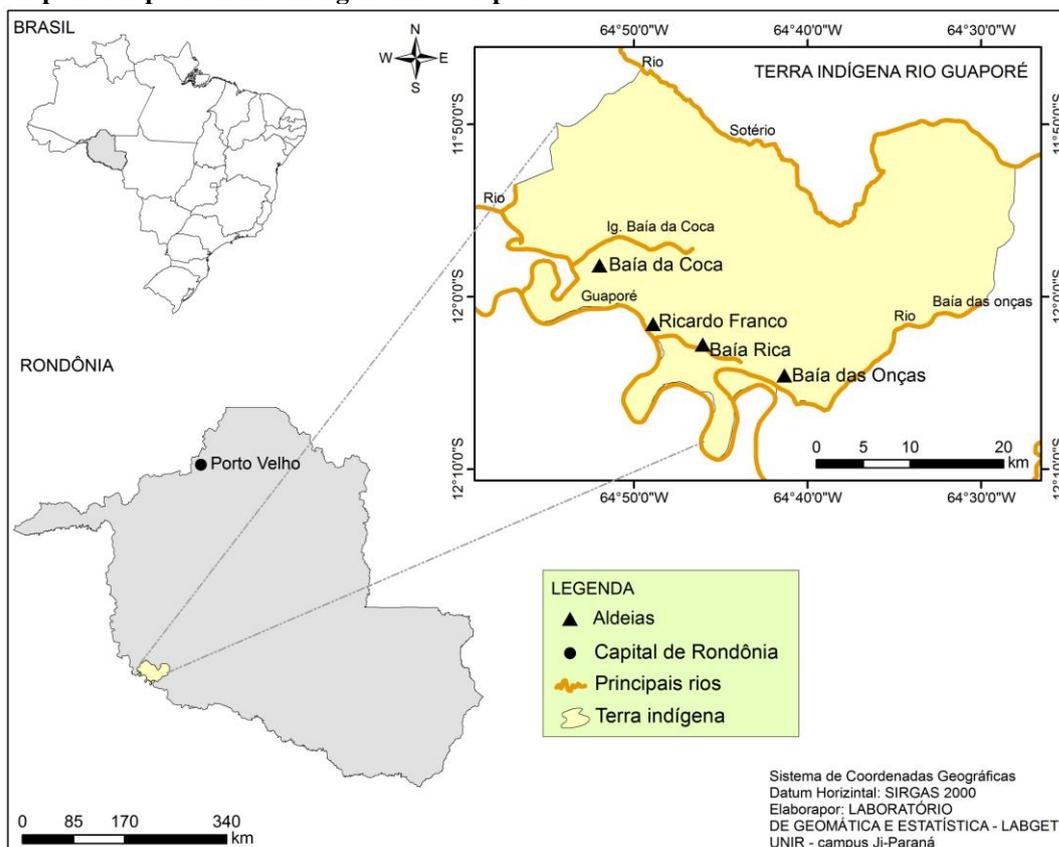
## CAPITULO II – O CONTEXTO DA PESQUISA E A METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido com os professores *djeoromitxi* que moram na Baía das Onças, Terra indígena Rio Guaporé.

### 2.1- A Baía das Onças

Após a demarcação da Terra Indígena Rio Guaporé, pela FUNAI<sup>5</sup> no dia 22 de maio, no ano de 1996, com 115.788.084 h, muitos povos que estavam na terra indígena Rio Branco, município de Alta Floresta, como makurap, djeoromitxi, tupari, ajuru, arikapu foram trazidos para a Terra indígena Rio Guaporé Aldeia Ricardo Franco a fim de garantir que ali não houvesse invasão. A Baía das Onças era apenas um nome do lago, cujo nome foi colocado pelo não-índio muito antes dos indígenas virem morar ali. Este nome foi dado pela grande população de onças que morava por ali.

Mapa 2- Mapa da Terra Indígena Rio Guaporé



<sup>5</sup> FUNAI- Fundação Nacional do Índio.

A primeira família a chegar na Baía das Onças foi uma família *cujubim*, como conta meu cunhado Manuel Cujubim, que chegou com seus pais ainda criança. Depois veio uma família *makurap*, como afirma o senhor Basílio Makurap em sua história. Depois foi chegando mais pessoas, inclusive minha família *djeoromitxi*.

**Imagem 2- Vista aérea da aldeia Baía das Onças**

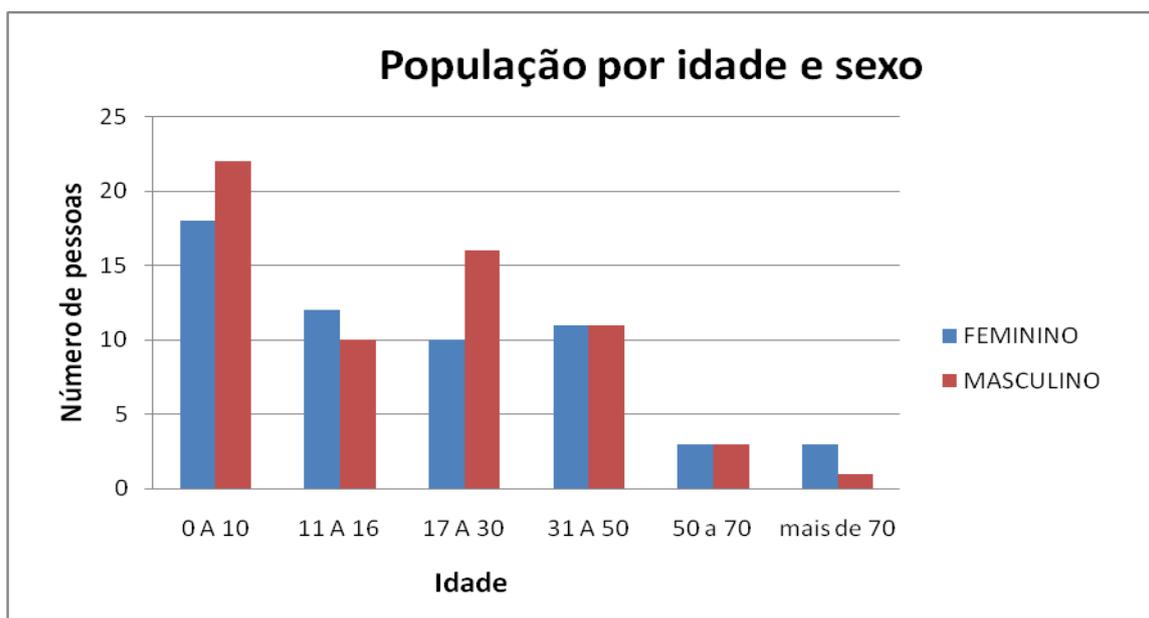


Foto aérea da aldeia Baía das Onças, créditos Joel Oro Nao'.

O lugar continua com o mesmo nome até hoje, na época não tinha estrutura física construída por instituições, como escola, posto de saúde, poço artesiano etc. Apenas as casas de palha. Usavam a água da baía para todas as necessidades. Com a chegada da nossa família *djeoromitxi* em 1989 a 1990, vindo da aldeia Ricardo Franco começamos a nos organizar, até porque a população aumentou. Neste período começamos a pressionar a FUNAI para que fizesse a escola. Até que um dia, no ano de 1990 fizemos uma escolinha de palha bem simples com alguns troncos de árvore, fizemos as cadeiras para os alunos sentarem e outros para escreverem, a prefeitura entrou com o combustível, nós com o trabalho e os outros materiais.

Nesta aldeia vivem 125 pessoas, sendo que a maioria da população é composta por jovens entre 0 a 30 anos.

Gráfico 1- População por idade e sexo

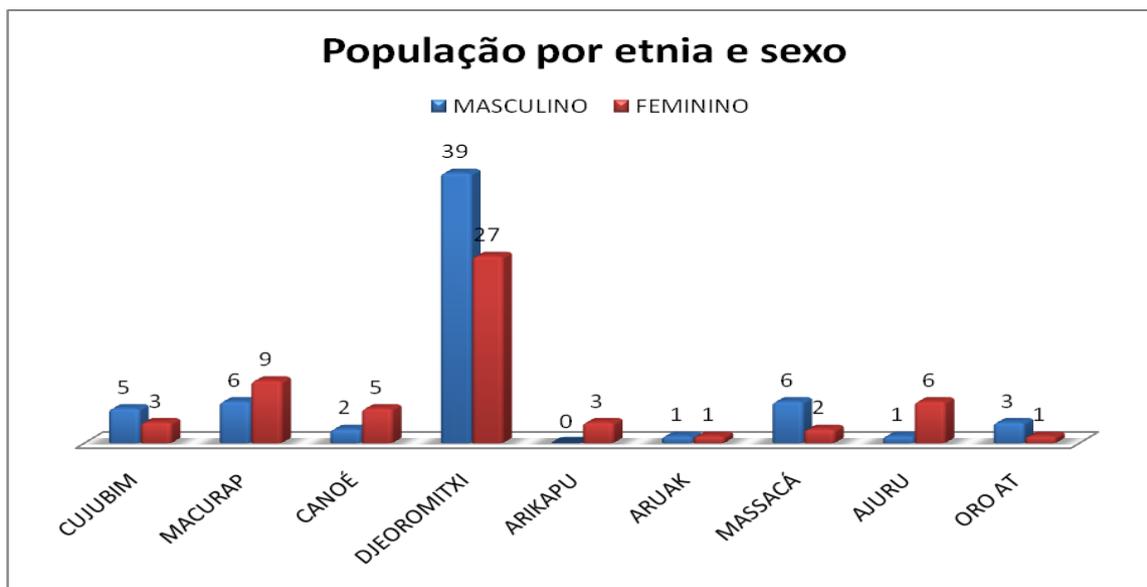


Observamos que a maioria da população é do sexo masculino e que, as pessoas mais velhas, entre cinquenta e oitenta anos, não ultrapassam o número de dez pessoas.

Esta situação é preocupante porque as pessoas, que são falantes fluentes do povo e que conhecem bem a cultura, estão indo embora e se não aproveitamos o conhecimento da língua e das plantas, ervas medicinais, todo este conhecimento pode acabar.

A população da Baía das Onças é composta pelas etnias *djeoromitxi* que é a maioria em termos de população, as etnias makurap, cujubim, waiurú, kanóe, massaka são mulheres casadas com *djeoromitxi*, há também um homem makurap, casado com mulher *djeoromitxi* e um homem cujubim casado com mulher *djeoromitxi*.

Gráfico 2 - População por etnia e sexo



Como podemos observar a maioria populacional é *djeoromitxi*. As etnias minoritárias são provenientes de casamentos interétnicos. As etnias que falam suas línguas são makurap, djeoromitxi, arikapu. A língua indígena mais faladas na comunidade é a djeoromitxi e o português. A população makurap é de 15 pessoas, dessas apenas uma pessoa fala makurap. Outras apenas entendem, mas não falam. Há algum uso na casa cujo homem é makurap e a mulher arikapu que fala makurap, entretanto seus filhos apenas entendem esta língua, mas não utilizam esta língua no dia-a-dia. As pessoas kujubim, kanoé, aruak, massacá, ajuru, oro at, não são mais falantes das suas línguas. No caso dos arikapu, minha mãe Wadidika Arikapu e a sua irmã falam arikapu, preferem falar entre elas em arikapu, mas com outras pessoas falam em *djeoromitxi*.

Para melhor compreender a situação das línguas na aldeia Baia das Onças, passo a descrever a situação de uso das línguas por família, este levantamento foi realizado por meio de observação na minha convivência com as pessoas da aldeia e na escola.

As Famílias *djeomitxi* são formadas por várias mulheres de outras etnias como já foi dito.

01- **Andre Jaboti e Clarice Ajuru** - Andre jaboti – Fala escreve, canta na língua do povo *djeoromitxi*, escreve e entende o português. Ela fala, lê e escreve o português e entende o *djeoromitxi*, algumas palavras ela fala em *djeoromitxi*. Os filhos falam

- português e falam algumas palavras em *djeoromitxi*. Com minha mãe falo sempre em *djeoromitxi*. Os filhos maiores escrevem e lêem *djeoromitxi* mais não usam oralmente.
- 02- **Rosemeire jaboti** é falante de língua *djeoromitxi* e do português – os seus filhos – falam e escrevem o português, entendem a língua materna mas não falam.
- 03- **Rodrigo jaboti e Cleia jabuti** – Falam, Lêem e escrevem o português e escrevem e falam algumas palavras soltas em *djeomitxi*. Os filhos falam o português e entendem alguns nome de objeto na língua *djeoromitxi*.
- 04- **Nazaré Arikapu e Nambuika Arikapu** – são irmãs falam o português, falam na língua *djeoromitxi* e na língua Arikapu.
- 05- **Jose Roberto Jaboti e Luciana Massaká**- José Roberto Jaboti – fala e escreve o português, fala entende e escreve em *djeoromitxi*. Luciana Massaká – fala e escreve em português não fala e nem entende língua *djeoromitxi*. Os filhos – Falam escrevem em português, escreve na Língua *djeoromitxi* lêem mas, não falam.
- 06- **Jorge Filho Jaboti e Luciane Jaboti** – Falam, lêem e escrevem o português, escrevem lêem na língua materna, mas não falam. Filho ainda bebê.
- 07- **Saturnino Jaboti e Arlinda Jaboti**. Saturnino Jaboti – fala em português e fala na língua materna. Os filhos - falam em português, escrevem lêem na língua materna mas não falam oralmente. Os netos moram com eles falam português, lêem e escrevem na língua materna.
- 08- **Sávio Jaboti e Kiri Jaboti** – falam e escrevem o português, lêem e escrevem em *djeoromitxi*, mas não falam.
- 09- **Samuel Jaboti e Ariele Jaboti** – São falantes em português, escrevem e lêem a língua *djeoromitxi* mas não falam.
- 10- **Tiago Jaboti e Larissa Makurap**. Tiago Jaboti – Fala o português e escreve, língua materna escreve, lêem, mas não falam. Larissa Makurap – fala o português e escreve, na língua materna, mas não fala e nem entende. Os filhos - falam e escrevem em português, na língua *djeoromitxi* escrevem, lêem, mas não falam.

- 11- **Manuel Cujubim e Elizabete Jaboti**. Manoel Cujubim - fala o português e entende a língua djeoromitxi. Elisabete Jaboti – fala o português e língua *djeoromitxi*. Os filhos – falam o português e escrevem, em *djeoromitxi* escrevem e falam algumas palavras.
- 12- **Edivaldo Massaka e Edite Makurap** – Falam em português, entendem a língua djeoromitxi, mas não falam. Não falam suas línguas de origem. Seus filhos são falantes de português, escrevem e lêem djeoromitxi.
- 13- **Jorge jaboti e Aparecida jaboti** - Jorge Jaboti – Fala o português e língua materna. Aparecida Jaboti – Fala, escreve e lê o português, entende a língua *djeoromitxi* mas, não fala. Os filhos mais velhos falam, entendem, escrevem e lêem a língua materna e portuguesa. Os mais novos entendem a língua djeoromitxi e falam e entendem português.
- 14- **Marcos Jaboti e Janaina Aruá**. Marcos Jaboti – Fala o português e língua *djeoromitxi* . Janaina Aruá – fala o português e entende a língua *djeoromitxi*, e fala Aruá. Os filhos – falam o português e escrevem. Na língua *djeoromitxi* escrevem lêem mais não fala.
- 15- **Isac Jaboti e Audélia Ajuru**. Isac Jaboti – fala o português e escreve, na língua materna fala, lê e escreve. Aldelia Ajuru – fala o português e escreve, na língua materna escreve, lê e fala algumas palavras soltas. Filhos mais velhos entendem , escreve e lêem português. Entendem e escreve *djeoromitxi*. Os mais novos entendem *djeoromitxi*, falam e entendem o português.
- 16- **Jesus jaboti e Gracilda Canoé** - Jesus Jaboti – fala e escreve em português, fala na língua materna. Gracilda Canoé – Fala o português e não entende a língua djeoromitxi e nem a língua Kanoé. Os filhos falam e escrevem o português, na língua djeoromitxi escreve, lê, mas não falam.
- 17- **Bismarque Cujubim e Marlene Ajuru** - Bismarque – fala, lê e escreve o português. Na língua materna escreve lê e fala algumas palavras. Fala com os filhos em português. Marlene Ajuru – fala escreve e le o português não fala e nem escreve na língua *djeoromitxi*.
- 18- **Delcio jaboti e Eliza Jaboti** – falam o português e língua materna. Os filhos falam e escrevem o português, na língua materna escreve, lê e fala algumas palavras.

- 19- **Armando Jaboti e Regina Makurap.** Armando Jaboti – fala o português escreve e lê, na língua materna fala, escreve e lê. Regina makurap – fala o português, língua materna entende e fala algumas palavras. Filho – fala e escreve o português, na língua materna fala, lê e escreve.
- 20- **Vilmar Jaboti e Marilha Makurap** – são falantes de português lêem e escrevem, em djeoromitxi lêem e escrevem mas não falam. Ela entende Makurap, mas não fala.
- 21- **Dani Jaboti e Eliziane Massaka** – são falantes de português escrevem e lêem. Na língua djeoromitxi escreve, lêem e entendem.
- 22- **Marli Cujubim e Bade Jaboti** – são falante de português lêem e escrevem, na língua djeoromitxi escrevem, lêem e entendem.
- 23- **Básilio Makurap e Joana Arikapú** – Basílio fala e entende português, fala e entende Makurap, fala e entende djeromitxi. Joana fala e entende português, entende makurap. Seus filhos falam e entendem o português, entendem Makurap, escrevem e lêem em djeoromitxi.
- 24- **Edivaldo Makurap e Alina Jaboti**- Ele fala, entende, le e escreve português. Ela fala algumas palavras, entende, escreve e lê língua materna, fala, entende, lê e escreve português. Os filhos mais velhos lêem e escreve na língua djeoromitxi.
- 25- **Antonio Ajuru e Anita Makurap**- Os dois falam e entendem makurap e português bem pouco.

### **Atividades Econômicas e atividades tradicionais**

As atividades econômicas da aldeia é a caça, pesca, coleta de fruta e agricultura. Os principais produtos que plantamos é mamão, banana, amendoim, feijão fava, vários tipos de batata, cará, inhame, mandioca, milho mole (tipo de milho tradicional), cana de açúcar. Temos dois tipos de pimenta que é tradicional do povo – malagueta e murupi. Plantamos outros produtos que não são tradicionais: o arroz estamos plantando recentemente e feijão da cidade, temos uns trezentos pés de café das famílias da aldeia para uso. Fazemos farinha para vender na cidade, também vendemos um pouco de banana, milho, arroz, castanha.

As atividades tradicionais que ainda fazemos é a caçada tradicional, onde os homens vão caçar e ficam mais ou menos uma semana. O trabalho na roça, mutirões com chichada ao final. A chicha é um elemento cultural muito importante utilizada em festas de casamento, rituais religiosos e como pagamento de trabalho em mutirão. Confeccionamos vários artesanatos para utilização diária: marico, cofo, esteira, rede esses todos feitos pelas mulheres. flecha, arco, borduna de responsabilidade dos homens.

Para nos divertir hoje temos atividades com arco e flecha, andar de canoa, flechar, pescar, subir nas arvores, andar no mato. Um pouco do que é trabalho também é diversão, para as crianças estas atividade são ainda mais divertidas. Também tem o jogo de bola todas as tardes no campo da aldeia com um horário para as meninas e para os meninos.

## **2.2- A Escola Hoje**

O local onde funcionaria a escola foi construído no ano de 1992 e a escola foi registrada com o nome de Alexandrina do Nascimento Gomes, segundo administrador Dídimo Graciliano de Oliveira que era administrador da FUNAI, era para homenagear a ex diretora de educação da FUNAI, que talvez foi importante para ele, para nós não tínhamos nem noção de quem era ela, como não podíamos optar por outro nome tivemos que aceitar a opinião dele.

O primeiro professor foi não-indígena trabalhava uma semana, e ia para cidade; passava mais de um mês, depois voltava. Assim era a nossa educação na nossa aldeia as pessoas faziam como bem entendiam. A educação na aldeia Baía das Onças, na época, estava sobre controle do município e a FUNAI tinha grande influencia, porque até 1991 a educação estava sob responsabilidade da FUNAI, com decreto 26 de quatro de fevereiro de 1991, a responsabilidade passou para o Estado:

Art. 1º. "Fica atribuída ao Ministério da Educação a competência para coordenar as ações referentes à Educação Indígena, em todos os níveis e modalidades de ensino, ouvida a FUNAI". Art. 2º As ações previstas no Art. 1º serão desenvolvidas pelas Secretarias de Educação dos Estados e Municípios em consonância com as Secretarias Nacionais de Educação do Ministério da Educação.

Quatro anos depois a escolinha de palha pegou fogo não sobrou nada. Em seguida a FUNAI e a prefeitura de Guajará - Mirim construíram uma outra escola com cobertura de eternit, medindo, aproximadamente, dez metros de comprimento, por 6 metros de largura, com uma sala de aula, um quarto, uma cozinha. A professora que ensinava na escola, esta época, era a docente Rosa Lina Reis de Assunção de Moraes. Esta professora ensinava de 1º ao 4º ano. O ensino era todo ministrado em português. Neste período as famílias falavam em casa a língua *djeoromitxi*, mas estava bem enfraquecida, pois em casa se falava também o português, penso que o povo queria aprender o português porque a língua nossa, a gente achava que não tinha valor, esta ideia era repetida frequentemente pelos não indígenas como professores e os próprios indígenas que já estavam em um processo intenso de contato com os brancos. O modelo de escola integradora e civilizadora, também contribuía para o fortalecimento da língua portuguesa. Lembro que estas palavras sobre a desvalorização de nossa língua eu ouvia muito dos meus professores.

Alguns pesquisadores, Hamel (1988), Albó (1988), dizem que quando a língua indígena não está mais sendo falada na família está seriamente comprometida e pode desaparecer, a família é o último reduto da língua. Logo a situação lingüística naquela época era muito preocupante e é ainda hoje, a diferença é que nós temos esta consciência e tentamos reverter este processo valorizando a nossa língua e ensinando para as crianças mais jovens.

O decreto de criação da escola é n. 1537 de 30 de março de 1992, mas no ano de 1996, a maioria das escolas indígenas do Estado de Rondônia que eram municipais passou para a responsabilidade do Estado. Então reivindicamos junto ao Estado outra escola, porque a primeira construída pelo município e pela FUNAI já estava caindo, esse pedido demorou sete anos para ser atendido. Em 2007 foi construída uma nova escola na comunidade.

Imagem 3 – escola Alexandrina do Nascimento Gomes



Foto créditos - André Jaboti

Desta vez construíram uma escola de alvenaria, nos moldes das escolas dos não indígenas, com duas salas de aula, cozinha e banheiro.

Na nossa escola nós ensinamos a língua djeoromitxi, português e língua espanhola, não participamos de nenhuma política pública de dinheiro direto na escola por exemplo. O que temos na nossa sala para trabalhar são dois quadro branco, sulfite, um mimeógrafo, alguns livros didático, pois estamos há três anos que não recebemos merenda no tempo certo do calendário como a lei determina para os alimento discente. As salas de aula também não são suficientes, porque mesmo tendo poucos alunos o período da tarde é muito difícil de trabalhar por conta do clima muito quente.

Os alunos de 6º ao 9º ano estavam desde 2009 sem aula até porque é bem difícil conseguir professores habilitados que queira dar aula na aldeia, por este motivo nos professores *djeoromitxi* assumimos no ano de 2014 estas turmas, depois de muito reivindicar junto a SEDUC.

Todos os anos para iniciarmos o ano letivo, temos que ir a Costa Marques, município mais próximo a aldeia com os pais dos alunos para comprar os materiais necessários para trabalhar. A nossa escola está localizada no sul do estado de Rondônia no município de Guajará-mirim, as margem direita do rio Guaporé, a 390km de Guajará-Mirim, na Terra Indígena rio Guaporé aldeia Baia das Onças, que faz fronteira com a Bolívia. Mas fica mais

próxima do município de Costa Marques, a 40Km. No ano de 2014 estamos reivindicando que ao invés de sermos atendidos em Guajará a escola fique sob a responsabilidade de Costa Marques onde o acesso é mais fácil, mas ainda não conseguimos e estamos sendo atendidos por Guajará-Mirim.

Hoje todos os professores da escola são indígenas. A experiência que tivemos com uma professora não indígena atuando na escola não foi muito boa, porque ela saía muito para a cidade; além disso, imprimia um ritmo de cidade para as crianças da aldeia, não acompanhava o ritmo da aldeia, nem valorizava as atividades da comunidade. Trouxe para a escola elementos culturais da sociedade não indígena como festa junina, dia das mães, páscoa, os feriados etc.

A escola atualmente está organizada da seguinte forma:

Tabela 1- Organização da escola

ORD	PROFESSOR	ÁREA	ANO	TURNO	ALUNOS		IDADE
					M	F	
01	Amando Jabuti	Todas as disciplinas de forma interdisciplinar e multisseriada.	1º a 5	manhã	26		7 a 12
02	André Jaboti	Ciências da Linguagem	6º e 7º	manhã	5	6	12 a 18
	José Roberto Jaboti	Ciências da Natureza					
	Alina Jaboti	Ciências Sociais					
03	André Jaboti	Ciências da Linguagem	8º e 9º	Tarde	5	6	12 a 19
	José Roberto Jaboti	Ciências da Natureza					
	Alina Jaboti	Ciências Sociais					

A escola hoje funciona na comunidade baia das onças de primeira ao nono ano, com professores indígenas, Andre jaboti, ministrante das disciplinas de língua portuguesa, língua materna e arte, Alina jaboti ministrante das disciplinas ciência da natureza, geografia e história, José Roberto jaboti oferece as disciplinas de etno matemática na língua materna, matemática, biologia e educação física, o Armando Jaboti oferece todas as disciplinas no ensino fundamental.

A escola que queremos para a comunidade Baia das Onças e para o povo djeoromitxi, e uma escola que respeite a nossa língua, a nossa cultura, o nosso modo de viver, nossa religião e o nosso modo de pensamento, buscando cada vez mais fortalecer a nossa língua e o

conhecimento tradicional do povo. Queremos investir nos conhecimentos tradicionais, pesquisar sobre eles e aprender cada vez mais. Não queremos mais repetir a educação que foi imposta para nossa comunidade como nos fosse um povo que não tivesse sua Língua e cultura própria.

A escola Alexandrina do Nascimento Gomes desenvolve um trabalho que envolve docentes, homem e mulheres e crianças fortalecendo a cultura, língua crença e religião dando apoio ao conhecimento sobre plantas medicinais, valorizando as comidas típicas do povo para não comer muita comida industrializada, porque está fazendo muito mal para a saúde dos indígenas da comunidade; também, e bem importante não deixamos que as outras religiões influenciem a religião da comunidade. A escola pensa na vida social juntamente com os mais velhos da aldeia.

### 2.3- A metodologia utilizada

A trajetória da minha pesquisa foi muito difícil, até porque eu não entendia o que realmente queria com ela, com isto dificultou meu trabalho, demorei bastante tempo para entender meu objetivo. Depois de várias conversas com minha orientadora, lendo alguns materiais, decidi o tema da minha pesquisa, o meu trabalho seria sobre a contribuição da formação dos professores indígenas para instauração de políticas de fortalecimento da língua e cultura djeoromitxi na comunidade Baia das Onças.

Este tema me chamou a atenção porque eu percebia que nos fortalecemos muito depois, principalmente, do projeto Açaí, que nos fez voltar mais a atenção para a nossa língua e cultura. Então, a pergunta que quero responder neste trabalho é: A formação dos professores djeoromitxi da Baia das Onças contribuiu e está contribuindo para uma prática de fortalecimento cultural e da língua na comunidade?

Logo os objetivos de meu trabalho foram:

#### **Objetivo Geral**

- Investigar a contribuição da formação dos professores indígena para a instauração de políticas de fortalecimento da língua e cultura Djeoromitxi na comunidade Baia das Onças.

## Específicos

- Descrever a realidade social, lingüística e educacional da baía das onças;
- Rememorar por meio das histórias de vida dos professores djeoromitxi os seus processos de formação identificando se esta formação influenciou em mudanças na educação escolar e no fortalecimento cultural e lingüístico deste povo.

No início pensei que seria fácil para mim, pensei também que eu sabia já de tudo da minha língua e cultura; mas foi um engano tive que investigar bastante a minha própria comunidade e a minha própria língua, fora e dentro da escola. Verificar a situação das línguas na comunidade e ver como está sendo realizado o ensino na escola. Fazer esta relação do ensino da língua na escola e o uso nas comunidades foi importante para entender como está o uso das línguas na aldeia. Vale ressaltar que o meu trabalho na escola foi realizado apenas como observação da prática dos professores e participação em reuniões.

Depois de decidir o tema de minha pesquisa marquei para dar o início a ela. Primeiro falei com a minha mãe oralmente para me lembrar a história do meu povo djeoromitxi que meu pai me contava, ela foi contando e eu fui me lembrado, em seguida escrevi toda a trajetória que aconteceu com o povo djeoromitxi.

Para ajudar na minha pesquisa, procurei ler informações sobre o povo algumas histórias do povo djeoromitxi escrito pelos lingüistas, encontrei algumas informações em sites do ISA. Outros textos que li foi o livro terra Grávida, Betty Mindlin (1999), estes me ajudaram com relação a história do povo. Depois li o texto Pesquisa em Memória Social de Ecleia Bosi (1993) para entender o que é um relato autobiográfico, que utilizei para escrever as minhas memórias de formação. Li relatórios do projeto Açaí sobre a formação e o Referencial Curricular para as Escolas Indígenas (1998) na parte de legislação e linguagem.

Um outro momento da minha pesquisa foi a entrevista com os professores djeoromitxi da Baía das Onças. Procurei os professores Armando Jaboti, José Roberto Jaboti e Alina Jaboti para fazer as entrevistas. Marquei o dia e o horário com cada um. Na primeira vez não foi possível realizar porque todos trabalham e estavam ocupados fazendo seus planejamentos. Marquei uma nova data, dessa vez foi possível, os docentes tiveram um pouco de dificuldade, mas deram as entrevistas. Após gravar entrevistas transcrevi no caderno e depois digitei no notebook para ter segurança no documentário. Utilizei as técnicas da história Oral (Meihy, 2005), que consiste em gravar, transcrever, textualizar e transcriar. A história oral é uma

metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida e outros aspectos da história contemporânea (FGV, CEPDOC, 2015, Apud, Surui, 2015). O material usado para entrevistar foram um gravador de voz cedido pela UNIR Ji- Paraná, um notebook, uma caneta e um caderno.

Também considerei importante entrevistar professores que atuaram no Projeto Açaí. Primeiro me encontrei com o docente do curso de Licenciatura de Educação Básica Intercultural da UNIR campos de Ji- Paraná, Cristovão Teixeira Abrantes, e perguntei para ele se podia conceder uma entrevista para a minha pesquisa, ele respondeu que podia; então, marcamos para o dia. No dia marcado não foi possível acontecer a entrevista porque ele estava muito resfriado, então marcamos uma nova data. Mesmo cansado do seu trabalho e ainda um pouco resfriado ele fez a entrevista que durou 20 minutos e 10 segundos de gravação. Após a gravação da entrevista transcrevi no caderno e depois digitei a fala do docente no notebook. Utilizei também as técnicas da história oral. Nessa entrevista o docente foi muito feliz na suas colocações. Depois da entrevista transcrita enviei para o professor, para que lesse e se quisesse poderia fazer alterações, ele fez algumas alterações e me devolveu.

Solicitei uma entrevista da professora, minha orientadora, Edineia Aparecida Isidoro, sobre sua experiência no projeto Açaí, já que ela trabalhou como docente deste a primeira etapa do curso. Como eu não pude realizar naquele momento, ela me disse que faria um relato sobre a formação de professores a partir de sua experiência no Açaí.

Para compreender mais a realidade das línguas na aldeia fiz um levantamento de todas as famílias e o uso das línguas na aldeia, por idade, etnia e sexo. Resolvi sistematizar apenas o uso da língua djeoromitxi e português, e comentar sobre as outras etnias que falam ou não suas línguas. Depois de ter todos os dados sistematizado iniciei a análise.

Foi muito interessante para mim compreender que o caminho que percorri para desenvolver meu estudo consiste na metodologia deste trabalho. E que para conseguir alcançar meus objetivos todos os dados que eu coletei e comparei foram importantes.

### **CAPITULO III - FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS: UMA BREVE REFLEXÃO**

As primeiras ações relativas a formação de professores indígena foram realizadas pelas Organizações não Governamentais, cujas ações inspiraram o MEC a implementação de formação para indígenas. Olhando os trabalhos das ONGs percebeu-se que o trabalho de formação para indígenas deveria atender as especificidades daqueles professores com relação a cultura e língua. Além da inspiração com relação à forma de atuar junto aos indígenas, a atuação das ONGs também inspiraram o campo político conforme Monte (2000, p. 124)

São iniciativas não governamentais e são citadas como fonte de inspiração para o poder público e para o campo jurídico (Lei de Diretrizes de Bases-LDB, 1996, Plano Nacional de Educação - PNE – 1998, Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas- RCNEI-1998, Resolução do Conselho Nacional de Educação-CNE, (1999) para fundamentar seu próprio discurso e com maior dificuldade suas práticas institucionais e políticas.

A educação escolar indígena passou para responsabilidade do MEC no ano de 1991, nos 30 anos anteriores era de responsabilidade de FUNAI ( MONTE , 2000). O MEC chamou para assumir a coordenação das ações da educação escolar indígena os estados e municípios, mas estes não estavam preparados para assumirem esta responsabilidade, faltavam pessoas com conhecimento nesta área para desenvolverem as ações.

Convocam-se, assim, as secretarias a atuar de acordo com determinadas linhas de ação educacional aproveitando-se de alguns conceitos e metodologias explicitadas em documentos não oficiais por organizações civis tomando-os conhecidos e legitimados. Incentivam-se enfim os novos executores de políticas estaduais e municipais dirigidas as quase duas centenas de sociedades indígenas do país a reconhecer o vazio financeiro, técnico e humano para dar rumo a esta novas formas de políticas educacionais e a inspiraram-se nos reflexos positivos extraídos dos referidos exemplos. (MONTE, 2000, p.8)

Ao ler o texto, “Os outro, quem somos? Formação de professores indígenas e identidades intercultural” (MONTE, p.7), foi possível perceber que a educação intercultural é um tema discutido não apenas no Brasil, mas também em outros países onde há comunidades indígenas. Diferentes atores contribuíram para a implementação de políticas para a efetivação de uma nova educação reivindicada pelos indígenas.

É como se a vozes das sociedades indígenas, há séculos silenciadas pelas políticas educacionais, finalmente pudessem formular e explicitar seu projeto de escola, fazê-lo ecoar e reproduzir ainda que sob intenso debate e conflito, em forma de nova proposta de políticas pública a serem desenvolvida pelo Estado brasileiro. (MONTE, 2000, p.8).

Desde 1991, para a implantação destas políticas foram investidos recursos em formação de professores indígenas, em formação de técnicos das Secretarias Estaduais de Educação e na produção de materiais didáticos e subsídios para contribuir para com os professores indígenas e com os cursos de formação de professores. Exemplo disso é a publicação do Referencial Curricular para as Escolas Indígenas – RCNEI e o Referencial para a Formação de Professores. Ao comentar sobre este último Mindlin (2003) o compara a uma bússula para a escolaridade e que a formação é uma ação afirmativa, por se tratar de uma formação em serviço e dar oportunidade as pessoas que não tiveram acesso a escola e ao ensino universal de se formarem. Diz ainda que no caso dos indígenas, por serem povos com línguas e culturas diferentes e que tradicionalmente não tinham escola, mas sim outros processos de ensino e aprendizagem, esta tarefa de formação é ainda mais complexa.

Na sociedade indígena a educação era feita oralmente, apesar de não ter escola a educação era realizada pelos pais, avô, avó, tio, tia, cacique e os pajés. Porém a comunidade tinha sua organização, como jovem guerreiro, parteira, artista musical, pintor de pintura corporal, conhecedor de plantas medicinais, artesão, pajé e cientista e outros. A formação dessas pessoas acontecia durante toda a vida e uma pessoa ia ensinando a outra. Podemos dizer que os indígenas estavam em um processo contínuo de formação de seus saberes de acordo com as habilidades e desejos de cada um. Quando foram criadas as escolas indígenas oficialmente os indígenas tiveram de aprender a lidar com os dois mundos indígenas e não indígenas. Com diz Mindlin (2003, p.148): "Ao criarem escolas oficialmente reconhecidas os povos indígenas quer combinar dois universos distintos e por vezes opostos, duas ou mais formas de pensar e viver a sua e a da sociedade nacional".

No Estado de Rondônia assim como em todo o Brasil, as primeiras experiências de educação escolar foram por meio de missionários e depois escolas organizadas pelo SPI/FUNAI, isso causou uma grande mudança no uso das línguas e culturas. Neves (2009), fala sobre essas mudanças que a implantação da escola nas comunidades indígenas provocaram. Primeiro pelo SPI - Serviço de Proteção ao Índio, depois pela FUNAI - Fundação Nacional do Índio e, mesmo depois da educação ser da responsabilidade do estado

não se conseguiu efetivas os direitos dos indígenas a uma escola que respeite suas especificidades. Por exemplo: aulas ministradas por professores não-índio, sem nenhum preparo para o trabalho em realidades culturalmente diferenciadas, as aulas ministradas apenas em português, imposição de um currículo não discutido com os indígenas, são apenas exemplo a serem definitivamente superados com a formação dos professores indígenas das várias etnias com qualidade.

A experiência de formação em Rondônia iniciou na década de 90. Para Abrantes (2007), Apud, Neves (2009, p. 267), “[...] Foi o IAMÁ a primeira instituição indigenista, não-governamental e laica que veio estabelecer, na época, uma relação de diálogo com os grupos étnicos de Rondônia”. Neste período foram capacitado vários professores de várias etnia como os djeoromitxi, Amando, Alina e André. O Iamá encerrou suas atividades ano de 1997, mas foi um projeto que fez com os indígenas começassem a pensar em si mesmos, e na importância de suas línguas, culturas, religiões e o modo de como se organizarem.

O trabalho de formação desenvolvido pelo IAMÁ foi importante para a institucionalização do Magistério Indígena, foi a partir da proposta do IAMÁ que tomou corpo a proposta pedagógica do Projeto Açaí discutida e formatada no Núcleo de Educação Indígena de Rondônia – NEIRO, este fórum foi uma instância política importante em todo processo de organização da educação escolar indígena no Estado de Rondônia

### 3.1- Formação de Professores no Estado de Rondônia – Projeto Açaí- primeira turma.

O projeto Açaí<sup>6</sup> – Magistério indígena de Rondônia foi instituído pelo Decreto nº 8516 de 1998. Foi resultado das lutas e lideranças e movimentos indígenas por uma educação de qualidade. O projeto iniciou no ano de 1998 e terminou no ano de 2004, sendo que no ano de 1999 não houve nenhuma etapa e no ano de 2004, pela primeira vez houve uma etapa nas aldeias que tinha como objetivo realizar um diagnóstico sociolinguístico e uma discussão sobre os Projetos Pedagógicos das Escolas.

Este projeto foi criado para habilitar os professores indígenas de Rondônia como diz o objetivo do projeto:

---

<sup>6</sup> O Projeto Açaí teve mais duas versões, no ano de 2014 terminou mais uma turma de mais de 130 estudantes e no ano de 2015 iniciou a terceira turma, este projeto é ainda, no estado de Rondônia, uma forma de assegurar o ensino médio para os jovens das aldeias.

Implantar um programa de formação de professores indígenas, que contribua para melhoria da educação escolar em Rondônia, garantindo as populações indígenas do Estado um ensino de acordo com suas necessidades, aspirações e valorização de suas tradições étnicas e o acesso aos bens culturais universais. (SEDUC, 2004, p.13)

Apesar de nos objetivos do projeto colocar que a formação é apenas para os professores indígenas de Rondônia, ele atendeu povos de Mato Grosso como o povo Zoró e alguns indígenas da etnia Nambikwara.

Uma das principais características do projeto foi atender uma grande diversidade lingüística e cultural. Segundo Pereira (2015) atendeu a 126 alunos oriundos de 30 etnias.

Outra questão importante foi focar na formação política dos cursistas, verificamos em alguns dos objetivos a preocupação com a autonomia e a formação como pesquisadores:

Formar professores indígenas pesquisadores capazes de refletir criticamente sobre a realidade cultural e lingüística de seu povo e as relações construídas nos contextos interculturais.

Formar agentes efetivos no processo de construção das escolas indígenas, habilitando professores para atuarem, juntamente com as comunidades, nos seus projetos pedagógicos e de futuro.

Formar educadores capazes de desenvolver pesquisas de relevância para as comunidades indígenas na perspectiva da sustentabilidade.

Contribuir para a efetivação do projeto de autonomia da escola indígena e respectivas comunidades, a partir da construção do currículo e da proposta pedagógica para as suas escolas centrada na valorização da cultura em todas as dimensões.

Muitas pessoas contribuíram para a realização do Projeto Açaí. Logo a seguir há dois relatos de professores que atuaram na formação como professores e também como gestores do projeto.

### **3.1.1. Relato da professora Edineia Aparecida Isidoro**

Meu nome é Edineia Aparecida Isidoro, professora no curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, no campus da Unir – Ji-Paraná Rondônia.

No ano de 1993 tive meu primeiro contato com populações indígenas, fiquei afastada até o ano de 1996, quando fui convidada a assumir a coordenação de literatura na, então, Delegacia Regional de Ensino de Ji-Paraná. Naquele momento estavam sendo criadas coordenações por área, assim foi criada a coordenação de Educação Escolar Indígena que

ainda estava sob coordenação da FUNAI. Como o coordenador saiu me convidaram também para assumir esta coordenação, já que eu tinha alguma experiência como professora em área indígena. No ano de 1997 assumi a coordenação de Educação Escolar Indígena, com a tarefa de estreitar o diálogo com a FUNAI e realizar a transição da coordenação da FUNAI para a SEDUC.

Assim que assumi, fui convidada a participar da uma reunião do NEIRO - Núcleo de Educação Escolar Indígena, onde conheci o professor Cristovão Teixeira Abrantes e outras pessoas ligadas à Educação Escolar Indígena, lembro-me da Emilia Altina, Geraine, a coordenadora Efigênia, algumas pessoas da FUNAI, entre outras que não me recordo no momento.

O assunto do momento era o curso de formação dos professores, eu não entendia muito bem o que era, pois não havia acompanhado as discussões. Minha experiência de um ano em aldeia, não tinha me dado uma visão política da educação escolar Indígena ampla, mas alguma coisa eu já percebia e intuía.

Então ficamos sabendo que o curso aconteceria no ano de 1998, e uma das etapas seria em Ji-Paraná. Pois bem, a coordenadora de Porto Velho me solicitou para realizar cotação de hospedagem. Então fiz três cotações, mas o hotel que ganhou nem era o que eu tinha cotado, era outro hotel com uma estrutura bem comprometida, cheio de infiltração, o que acarretou vários problemas naquela etapa.

Lembro-me bem da primeira etapa do curso, foi no CEEJA – Centro Educacional Estadual de Jovens e Adultos. Os professores que vieram ministrar as aulas eram a Darlene Darlene Yaminalo Taukane, Chiquinha Pareci, Ruth Maria Fonini Monserrat, Vitorinha, acho que foram estas. Nesta etapa me marcaram a presença de tantas etnias, eu não tinha noção do que aquilo representava. Tinha uma visão ainda romântica dos povos indígenas, pra mim naquele momento ainda era de profundo desconhecimento, não tinha também uma visão política sobre a questão.

Uma outra coisa que eu percebia é que estava em um lugar complicado – a SEDUC- parecia que havia muitos conflitos entre a SEDUC e as outras entidades. Achei um pouco confuso os encaminhamentos da SEDUC, ao mesmo tempo tentei contribuir no que podia, mas percebi que eu era cobrada como SEDUC e não como alguém que estava meio que fascinada por aquele momento. Foi meio complicado para mim, parecia que as pessoas me viam como alguém que estava vigiando, isto era bem ruim. Foi nesta etapa que tive contato com o Referencial Curricular para as Escolas Indígenas, recém publicado, por meio da

professora Ruth Maria Fonini Monserrat, ela deixou a cópia com a gente e conversamos muito sobre as políticas que se instauravam depois da Constituição, sobre as lutas que povos indígenas e parceiros vinha travando para que fosse possível uma escola para os indígenas de acordo com suas especificidades.

A partir de então estive sempre participando das instâncias políticas da Educação Escolar Indígena, logo vi que dentro das Instituições deveria escolher o lugar de onde falar e definir de qual lado estava, escolhi! O meu lugar foi sempre em defesa dos interesses dos povos Indígenas. Muitas vezes bati de frente com os meus superiores, mas ganhamos respeito das pessoas e confianças dos povos indígenas, pela postura firme que sempre tivemos de mostrar de qual lado estávamos.

Em toda a experiência que tenho com educação escolar indígena, penso que o projeto Açáí foi o mais intensa, de mudanças profundas de concepções e de aprendizado. Então participar deste processo foi, para mim, ter a oportunidade de adquirir conhecimentos que nunca teria tido em um banco de universidade. Eu sempre digo que me formei também neste curso, junto com os professores indígenas. Neste processo atuei como colaboradora em várias áreas como assistente de turma, relatorista, professora na área de linguagem, produção de material didático. Como professora foi uma grande oportunidade de continuar atuando com os indígenas e uma experiência desafiadora também. O professor Cristóvão, penso que, tendo um olhar a frente me disse certa vez, " temos que assumir as salas de aula também para que possamos aprender e ganhar experiência no sentido de formar também uma equipe local". Assim como formar uma equipe local, ter oportunidade de conhecer tantas pessoas importantes no cenário nacional relativo a educação escolar indígena foi fundamental na nossa formação e na formação dos indígenas. Penso que os coordenadores do programa, Cristovão e depois Mary Gonçalves Fonseca foram fundamentais para continuar primando por esta qualidade.

As etapas eram sempre intensas. Houve a etapa de 1998, no ano de 1999 não houve etapa por falta de recursos, a segunda etapa só ocorreu no ano de 2000. Mas neste período muitos dos alunos que tinham vindo na primeira etapa não retornaram e outros iniciaram o curso a partir de 2000. Neste ano os recursos foram assegurados no orçamento do Governo e esta foi uma grande conquista, pois a partir daí não tivemos maiores problemas com relação aos recursos.

Um fato marcante pra mim no ano de 2000, onde a etapa foi na ASBERON em Porto Velho foi, primeiro a grande diversidade, porque na primeira etapa estávamos apenas com os

povos da BR, desde Vilhena a Ariquemes. Já, nesta etapa, havia todos os outros povos de Rondônia. Uma grande diversidade, tanto lingüística, quanto cultural; de tempo de contato e experiência de escolarização. Foi muito interessante e muito importante para mim participar. Ali pude perceber o início de uma, na minha opinião, revolução. A proposta do Açaí era a de fortalecer a cultura e língua, que vinha ao encontro das políticas para a educação escolar indígena que o próprio movimento indígena vinha discutindo e reivindicando. Mas ali o discurso dos indígenas era que queriam aprender as coisas que ensinava na escola do não – indígena, porque, a língua e a cultura já sabiam. Esta fala ecoou por todos os cantos no curso. Uma fala do Armando muito tempo depois vinha nos mostrar que o Açaí trouxe uma nova percepção dos povos com relação a sua língua e cultural ele disse : "Eu não sabia que minha língua e cultura eram importantes". Isso demonstra que as políticas linguísticas e de ensino que foi sendo construída no Açaí deram certo

Um grande desafio era como fazer para trabalhar com tantas diferenças primeiro, tinha pessoas que não sabiam ler, junto com pessoas que tinha já uma experiência com leitura em português, então alguns momentos era importante juntar os alunos por etnia, outros momentos era melhor separar, quando a escolarização era necessária como nas aulas de língua portuguesa e matemática por exemplo. Isso foi bem complexo, mas penso que as tentativas e arranjos deram certo, porque muitos ainda em fase de alfabetização superaram os que, na época já tinha o ensino médio. E isso demonstrou que tínhamos muito a aprender com relação ao conhecimento. A experiência foi enriquecedora. Mas aos poucos, até para diminuir os transtornos as turmas foram separadas tentando obedecer ao critério de língua e escolarização. Ficaram três turmas, uma que seria os povos de Guajará-Mirim e a maioria escolarizados, na segunda a maioria dos povos cuja língua não pertenciam a nenhuma família lingüística, a maioria dos Tupi com escolarização, e na ultima os alunos que ainda tinham bastante dificuldade com a língua portuguesa. Em algumas disciplinas, como antropologia, história, ainda continuaram reunindo as turmas por as etnia.

Penso que o projeto Açaí construiu, no decorrer do processo, uma política de língua que refletiu na postura política dos professores indígenas com relação a sua língua e cultura. É muito forte esta fala em muitos momentos ainda hoje, foi marcante a formação. Houve muito problemas também, penso que o mais relevante foi não termos conseguido sistematizar os materiais que os professores indígenas construíram no decorrer de cinco anos e o acompanhamento individual nas aldeias. Mas as distancias e o número reduzidos de pessoas para ajudar nesta tarefa também não contribuíram.

O Açaí terminou em 2004 com um grande diagnóstico sociolinguístico que, infelizmente nunca foi sistematizado. Para finalizar, posso afirmar que a primeira versão do curso de formação em magistério indígena do Estado de Rondônia – PROJETO AÇAÍ foi realmente uma grande experiência educacional, que infelizmente não está escrita, pois o projeto escrito não retrata com fidelidade toda a riqueza contida naquela experiência.

### **3.1.2. Entrevista com docente Cristovão Abrantes Teixeira.**

O projeto Açaí veio, na verdade, de uma iniciativa que já existia de formação de professores em Rondônia, já acontecia este tipo de formação no Acre pela CTI e eram todas oferecidas por ONGs. Na época o IAMA teve esta iniciativa. Também o CIMI teve algumas iniciativas de capacitação para professores indígenas que podemos também incluir. Depois com planaflo, eu acho que todos vocês lembram, o PNUD teve muitas consultorias para área de educação e saúde e uma delas era na área de educação. Aí foi quando o primeiro projeto de formação, só que nunca foi executado, que foi pelo PNUD na época lá do pessoal que estava trabalhando como consultores. Nesta época tinha a Bimba que era muito próxima da Betty, ela era consultora e paralelo a isso estava acontecendo também o início da estruturação da Educação Indígena na SEDUC, inclusive nesta época a Emilia estava na SEDUC. Eu já estava em Cacoal, desenvolvendo um trabalho com Cinta Larga e Suruí.

A discussão sobre a formação já vinha sendo feita desde 1995, 1996, 1997. Foi quando conseguiram aprovação do projeto Açaí, no final de 1998 e se fez uma etapa que seria na época com recurso de capacitação que se tinha na DEMEC. Porém o projeto tinha sido aprovado em nível regional, ou seja, quem concluísse não poderia prosseguir estudo. E quando isso aconteceu, quando a gente viu isso, foi quando a gente entrou mesmo nessa discussão com a proposta de mudar. Por coincidência, nessa época, eu era coordenador NEIRO - Núcleo de Educação Indígena de Rondônia e a gente tinha um grupo até interessante onde fazíamos discussões. Vimos que a proposta que passou na SEDUC que foi para o Conselho de Educação era uma proposta que não tinha nada ver com que a gente tinha discutido todos aqueles anos. Era uma proposta totalmente deficiente, em todos os aspectos, aspectos pedagógicos, conceituais, da própria escrita do projeto que era muito ruim também; o pior que era o questão dele ter sido aprovado regional ou seja, quem fizesse o curso podia dar aulas só na escola indígena e não poderia prosseguir os estudos. Quer dizer, quem quisesse prosseguir o estudo teria que depois fazer o ensino médio.

Depois disso a gente começou ter uma briga muito grande com a SEDUC para que o projeto fosse aprovado como Ensino Médio, magistério. Depois disso o que acontece, eu estava no NEIRO quando em 1999 eu fui convidado para assumir o departamento do Ensino Fundamental e Médio da Secretaria de Educação e, dentro desse departamento, tinha Educação Profissional,

Ensino Médio, Ensino Fundamental, Educação Ambiental e Educação Indígena. Então foi neste momento, já que eu estava no cargo da chefia, que vi uma grande oportunidade de aproximar e conversar com a secretária, porque acima de mim só tinha a secretária e uma outra pessoa. Então as reuniões eram feitas e eu podia participar. Então eu vi uma grande oportunidade, de poder reverter isso, mudar, tornar o projeto uma coisa mais interessante voltada pra realidade de Rondônia, dos povos indígenas e para o que a gente queria e já vínhamos discutindo, que era educação diferenciada, intercultural e multilíngüe, bilíngüe. A maior oportunidade ainda foi quando conseguimos garantir o recurso no Estado, porque o recurso é o principal. O recurso foi garantido votado e aprovado na assembleia, no plano quadrianual do governo então essa foi uma grande conquista do projeto Açaí - o recurso, sem ele a gente não conseguia fazer nada.

Depois disso o outro passo foi a reformulação do projeto que muitas pessoas contribuíram. Eu fiquei ainda na secretaria nos anos 1999, 2000 e em 2001 eu saí. A grande contribuição também foi a questão da elaboração do projeto, e teve uma contribuição muito grande Ruth Moserrat, Emilia, eu e Ruth Moserrat e Emilia, quando eu saí da secretaria aí vieram outras pessoas que acabaram dando continuidade na elaboração do projeto daí foram várias pessoas, o projeto passou por várias reformulações até ser reencaminhado para o Conselho Estadual onde foi aprovado e os professores indígenas fizeram o projeto e ele foi reconhecido nacionalmente, podendo prosseguir estudos. Essa foi uma conquista.

A outra conquista foi a formação. A gente pensava numa formação que não fosse uma formação de Ensino Médio igual a que se tinha em todas as escolas e sim uma formação para professores. E quando se pensou em formação de professores se pensou em professores que pudessem pensar a escola indígena, que pudessem entender a realidade da escola indígena, quer dizer, que a pessoa estaria sendo formada, depois de formada ela pudesse pensar ali uma forma que garantisse as especificidades: a língua, que tinha um enfoque principal na discussão do projeto Açaí, é claro que a gente tinha outras áreas de atuação que era terra que também era muito importante para gente; e a economia, estes foram os principais eixos que a gente trabalhou.

Claro que aí entraria interculturalidade só que na época a gente não tinha tanta clareza desse conceito, interculturalidade. A gente sabia o que era, também focar a cultura e a gente com tudo isso queria fazer a interculturalidade, só que a nossa interculturalidade era uma interculturalidade talvez muito mais pensada para o fortalecimento da cultura indígena. E nesse ponto acho o projeto conseguiu, valorizou bastante a língua, essa trajetória foi muito bacana. porque ao optar por esta perspectiva resultou em uma maior participação e responsabilidade. Eu diria com muita responsabilidade, não só um simples encontro e fazer e pronto não foi isso, o projeto Açaí, do meu ponto de vista, ele não tem uma preocupação só de dar o certificado, ele tinha uma preocupação em formar que é o mais difícil. Se não fosse e quisesse uma coisa mais fácil poderia colocar todos os professores pra fazer aquele provão, ia dando aula fazia provão pronto acabou, todo mundo tinha Ensino Médio, depois ia pra qualquer lugar. Mas não era essa a preocupação, a preocupação era formar pessoas para atuarem nas escolas indígenas. E a gente conseguiu isso? A gente conseguiu.

Agora, não existe nada que seja cem por cento. Algumas pessoas aproveitaram mais do que as outras. Esta foi uma outra coisa interessante no

projeto Açai as pessoas estavam em níveis diferentes. Penso que isso foi a coisa mais interessante em termos de experiência do projeto Açai, foi uma outra grande experiência. Colocar pessoas com níveis diferente de escolaridade, pessoas que já tinham feito o Ensino Médio, outras com Ensino Fundamental, pessoas que tinham feito o primário na época de primeira a quarta série, pessoas que não tinham terminado a quarta série e pessoas que liam mas não tinham tanta experiência com as letras como outras, todas estudando juntas. A gente viu nesse processo que muitas pessoas, que nem passaram pela escola formal, primeira série, segunda serie, quarta serie, hoje a gente vê, elas estão aqui no curso de licenciatura em Educação Básica intercultural, e podemos dizer que elas superaram pessoas que tinham o Ensino Médio, tanto no Açai quanto aqui no curso de licenciatura Intercultural. E outra pessoas que não eram alfabetizadas como era o caso dos Urueu ou estavam no processo de alfabetização que também e conseguiram avançar, sendo que uns avançavam mais que outros. Assim quando a gente consegue fazer com que e essas pessoas estivessem hoje na universidade, então eu acho que é um ganho muito grande.

Uma outra discussão interessante que o projeto Açai realizou foi sobre a Educação diferenciada. Mas esta questão está ligada muito mais com a prática do que em termos teóricos, porque eu posso falar com você o que seria a Educação diferenciada como fizemos tantas vezes no projeto Açai, mas isso não conseguiríamos fazer na prática, isso a gente conseguiria fazer isso na escola com um currículo, ou seja, a partir do momento que você conseguisse trabalhar um currículo, um currículo com a população, com os professores, com apoio técnico. Antes esse apoio técnico era muito mais restrito hoje ele estaria mais fácil a partir do momento que tem vocês que já passaram pela universidade. Eu acho que é ainda um grande desafio do currículo intercultural, ou diferenciado que era o termo que a gente usou muito, na época do Açai. A gente avançou bastante, mas a gente não conseguiu resolver com todo mundo.

Penso que esse ponto que era umas das linhas, um dois eixo do projeto "a educação diferenciada" não ficou muito claro. A gente enfatizava nas aulas mas, eu acho na prática e isso não ficou muito claro pra todos os alunos que passaram pelo projeto Açai. Muitos ainda, eu diria ainda hoje, tem uma dificuldade muito grande de entender por exemplo os conteúdos que se trabalhava no curso e os conteúdos que se trabalha no Ensino médio e , lá no fundo as pessoas ainda entendem que lá no curso deveria estudar conteúdos do Ensino Médio. Também na Universidade, nesta formação não dá conta muito bem disso, não aprofunda muitas coisas, mas isso aí ainda que eu acho que ficaria na universidade para a extensão. A gente precisa ficar com a experiência, a gente precisa experimentar isso, uma proposta curricular feita lá com a participação de toda a comunidade.

### **Refletindo sobre os relatos...**

A participação, neste trabalho, dos professores não indígenas que atuaram ativamente no Projeto Açáí foi muito importante, tanto o professor Cristóvão Teixeira Abrantes, quanto a professora Edineia Aparecida Isidoro levantaram elementos importantes deste processo de formação, abrangendo o âmbito político, pedagógico e histórico.

Com relação à questão histórica é possível destacar momentos relevantes deste processo até chegar ao Açáí, destacamos a articulação dos indígenas e da sociedade civil, por meio do NEIRO, a criação da OPIRON, a garantia dos recursos, as etapas, a participação de profissionais que ajudaram a construir o que podemos, hoje, avaliar e analisar, a formação dos professores indígenas.

No que diz respeito às questões políticas podemos destacar a importância do NEIRO como espaço de discussão na implementação do Projeto Açáí e a importância de um momento político onde havia na gestão pessoas comprometidas com as questões indígenas como quando o professor Cristóvão relata o momento em que se garantiu os recursos para a formação.

A maior oportunidade ainda foi quando conseguimos garantir o recurso no Estado, porque o recurso é o principal. O recurso foi garantido votado e aprovado na assembleia, no plano quadrianual do governo então essa foi uma grande conquista do projeto Açáí - o recurso, sem ele a gente não conseguia fazer nada.

Na fala da professora Edineia também vimos esta opção política de estas do lado dos indígenas, mesmo estando funcionaram da Secretaria, o que é muito difícil.

Os desafios pedagógicos pelo Projeto refere-se a como atender as diferenças culturais, lingüística, escolarização, tempo de contato. Para isso contribuiu a insistência, principalmente da professora Mary Fonseca em trazer profissionais competentes e com vasta experiência com formação de professores indígenas de vários lugares e instituições que fez toda a diferença na construção de políticas de valorização lingüística e cultural dentro do curso, e, neste sentido houve uma preocupação de formar professores com competência para ser professor de sua aldeia, em formar professores que pudessem pensar pedagogicamente a escola

E quando se pensou em formação de professores se pensou em professores que pudessem pensar a escola indígena, que pudesse entender a realidade da escola indígena quer dizer que a pessoa estaria sendo formada, depois de formada ela pudesse pensar ali uma forma que garantisse as especificidades

Apesar dos obstáculos e dos problemas enfrentados pelo Açaí a proposta alcançou resultados impressionantes, os estudantes que tinham uma rejeição a metodologia e ao conteúdo o Açaí compreenderam a proposta e houve uma mudança de postura dos professores indígenas com relação a sua língua e cultura. Pereira (2015) coloca que:

Nas etapas finais do Projeto foi possível perceber que temas trabalhados tais como: interculturalidade, Políticas lingüísticas, identidade, alteridade, entre outros, gradativamente promoveram mudanças no discurso e prática na maior parte dos cursistas, professores que demonstraram maior consciência da necessidade de valorização e culturas próprias.

Posso afirmar que a questão de valorização lingüística, cultural marcou o projeto Açaí. Vários relatos deixam claro isso como, por exemplo, do professor Armando Jaboti

"Antes do Projeto Açaí eu não sabia que nossa cultura não tinha valor, hoje sei que tem valor para todos os povos indígenas para nosso país e para a humanidade, sei também que ensino não é modelo, ensino é construção".

Como vimos o Projeto Açaí foi além de um curso de formação, foi uma instancia política importante, pois problematizou o pensamento colonizados dos indígenas e houve realmente uma transformação na concepção e uma retomada da sua identidade. Esta questão, veremos a seguir.

## **CAPITULO IV - A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DJEOROMITXI E A REPERCUÇÃO NA COMUNIDADE – ANÁLISE DOS DADOS**

Neste capítulo pretendo refletir, com base nos dados levantados, sobre as repercussões da formação dos professores indígenas *djeoromitxi* para a instauração de políticas de fortalecimento da língua e cultura na comunidade Baia das Onças, ou seja, vamos refletir sobre o processo de formação dos professores *djeoromitxi* tentando compreender se este processo contribuiu decididamente e está contribuindo para fortalecimento da língua e cultura *djeoromitxi*, também para uma maior autonomia dos professores *djeoromitxi* com relação a como estamos pensando a educação para nosso povo.

### **4.1. MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO <sup>7</sup>**

#### **4.1.2. Entrevista com o professor José Roberto Jaboti**

Meu nome é José Roberto jaboti, moro na aldeia Baia das Onças, no município de Guajará Mirim. A nossa formação como professores é muito importante para nós, no intercultural, ela é de grande importância porque com essa formação a gente pode contribuir muito com o nosso povo, no sentido assim de fortalecer o nosso conhecimento é algo que nos não valorizava, antes de fazer o intercultural e que dessa forma a nossa língua a cada dia que passava ia sendo esquecida e nós não dava importância nenhuma do que nós sabíamos, então essa formação fez com que a gente olhasse em nossa volta e percebesse o que a gente tinha de bom, que não era valorizado. A partir dessa formação a gente começou a valorizar e observar aquelas coisas importante que tinha dentro de nossa cultura que a gente não estava valorizando. Então a formação fez com que a gente enxergasse tudo isso aí, fortalecer a identidade e passar esse conhecimento para os mais jovens, para que eles se sintam seguros do que eles são, assumam sua identidade como nós assumimos, e que agora a gente esta colocando tudo isso ai para eles entender o que eles são, qual o valor que eles tem. Então, através do curso, a gente começou a se valorizar e se identificar como um povo, e que isso foi um grande avanço para nos professores formadores de opinião.

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida pela professor José Roberto Jaboti, no dia 24/10/2014, na etapa presencial do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural no município de Ji-Paraná-RO.

As plantas medicinais que fazia parte do nosso conhecimento, cada dia que passava a gente ia esquecendo, mas ainda existe esse conhecimento. Então achava que aquilo era coisa do passado isso não é verdade, que isso aí tem muito a ver com a nossa realidade, é algo que não podemos esquecer, mas que estava ficando no passado, então com esse curso a gente começou a observar o que a gente tinha esse conhecimento e que ele é necessário para um povo poder se identificar que tem seus conhecimentos próprios, seu modo de viver, sua alimentação, a forma de como ele se organizava então tudo isso aí eu acho que a formação trouxe para nós ficar observando, esse lado aí. O que nos somos de verdade.

Quando se fala de língua e cultura na colocação digo que a formação fez com que a gente perdesse a vergonha de falar a língua do nosso povo. Então língua e cultura são coisa do nosso povo da qual fazemos parte, então o que a formação trouxe foi a coragem ela nos colocou coragem de a gente ter força e falar a nossa língua e viver nossa cultura, o modo de ser desse povo, depois da formação trouxe essa outra visão, para nós. Então começamos assumir essa responsabilidade, valorizando a nossa língua e a cultura na qual a nossa sociedade evolui. Esses conhecimentos então se nós não tivéssemos feito essa formação talvez não estávamos dando a importância para a nossa língua e nem para a nossa cultura isso faria muito mal para o nosso povo. Como a gente poderia se identificar se nós não falássemos a nossa língua? Como é que temos uma cultura diferente se não lembramos nem uma forma de viver e nem uma forma de nos organizar? Então eu acho que a formação veio mostrar para gente que somos um povo que temos nossa língua e cultura própria, não andar emprestando dos outros e dizer que somos um povo de uma cultura diferente se não temos nada diferente? Então a formação contribuiu muito para fortalecer esse conhecimento na comunidade escolar, a língua do povo djeoromitxi e a cultura também.

Esse conhecimento vem sendo aplicado na escola, a criança a partir do momento que entra na escola já começa a escutar que nós somos o povos djeoromitxi, que a nossa língua é importante e a nossa cultura também, para que nós nos auto denominemos djeoromitxi de verdade, além disso temos que ter o domínio da língua e também da cultura.

Assim somos um povo que queremos e desejamos pelo resto de nossa vida ser e levar esse conhecimento para o nosso futuro daqui para frente.

Se nós perdemos muito da nossa língua, isso é reflexo da educação que era implantada nas comunidades indígenas. O professor não era índio e ele não tinha interesse em aprender e nem ensinar a língua indígena, já começava por aí. Para começar não entendia o que nos falávamos, ele ou ela não tinha naquela época obrigação de ensinar na língua materna a política era ensinar o português, e falava que o melhor era aprender o português linguagem dos brancos. Eles se achavam o máximo e assim nos proibia de falar a nossa língua na sala de aula o nosso diálogo que poderíamos ter com o nosso, irmão ou colega, primo ou sobrinho, tudo isso aí era impedido. A escola não interessava e mesmo assim a educação também era importante até porque eles chamava a nossa língua de gíria, e que isso não é verdade e uma língua que tem sua própria forma de se organizar, como qualquer outra língua que existe, mas isso aí não era mostrado.

Naquela época era uma escola integracionista, então por esse motivo esse motivo, quando a gente ia falar eles diziam que a nossa língua era feia, pobre

que ninguém podia falar na escola a nossa própria língua. Nós nos sentíamos mal, até porque nós não entendíamos o que eles falavam, até que enfim conseguimos decorar a língua portuguesa mas não entendíamos de verdade, ficamos igual um papagaio domesticado só decorando ou seja repetindo as palavras, com isso fomos deixando de falar a *nossa* própria língua.

Hoje que nós passamos pelo curso de licenciatura em Educação Básica Intercultural na UNIR Campus de Ji-Paraná que a gente vê o quanto nos temos valor, e que a escola pode formar pessoas com vários pensamento e fazer uma nova descobertas dentro de nossa cultura e da cultura envolvente, mas antes nós pensávamos em estudar e ser alguma coisa na vida. Sair da aldeia morar na cidade ter carro, casa própria, tudo isso aí era uma forma de pensar, já esquecendo da aldeia dos parente, da língua, da cultura, isso ai já tinha ficado para trás.

Se não tivéssemos participado da formação dos professores indígena, primeiro no projeto Açaí e agora na Universidade, que é o intercultural, nós não tínhamos descoberto esse valor que temos hoje. Estamos lutando cada dia para que isso fique vivo.

Podemos dizer que melhorou na área de ensino das crianças até porque hoje nos temos oportunidade de falar sobre o valor de nossa cultura, o valor de nossa língua, o valor de se auto denominar como djeoromitxi. Então hoje melhorou muito por nós professores trabalharmos a nossa realidade, o modo de ensinar não só no livro mas como numa pescaria qualquer trabalho de mutirão, junto com os aluno e os mais velhos. Depois levar esses mesmos conteúdos para serem desenvolvidos na escola envolvendo matemática, ciência e outras disciplinas. Hoje nos podemos ensinar nossos alunos da aldeia só com a realidade das crianças com que todos os dias eles estão vendo, isso pode ser trabalhado nas series iniciais, no ensino fundamental podemos trabalhar com produção de texto, as quatros operações, ciência, geografia, arte, educação física e língua materna.

Analisando o trabalho dos docentes não-indígenas, como eles trabalhavam só com livro repassando conhecimento para os alunos, não deixando os alunos pensarem e nem dar opinião, isso no caso de interpretação do texto que não podia errar ou esquecer uma virgula. A SEDUC não respeitam as nossas diferenças. Para eles o que vale é a quantidade de conteúdo e da carga horária de aula, não estão preocupado com o aprendizado das crianças. Na verdade a escola indígena não funciona de acordo com a formação que nós tivemos no intercultural. A idéia agora dos professores indígenas djeoromitxi é trabalhar poucos conteúdos, os mais importantes e só passar para outro quanto o aluno já aprendeu. Não encher os alunos de conteúdo, porque isso não e um aprendizado que a comunidade deseja. Ela espera que os alunos saiam da escola sabendo fazer documentos, projetos para a comunidade, este que é o anseio da comunidade. Não aceitamos mais que a SEDUC venha implantando em nossa escola um currículo e uma metodologia que não se pareça com a gente.

Até porque somos um povo que tem uma língua própria e, por isso, temos dificuldade na língua portuguesa, por este motivo eu acho que o aluno indígena tem que ter mais tempo para aprender os conteúdo nos quais ele tenha mais dúvida. Como já vi professores não-indígena falando na coordenação da SEDUC, dizendo que já tinha dado todos os conteúdos, como se o aluno daquela escola tivesse todos lendo escrevendo interpretando

o texto, mas não percebeu que o aluno não aprendeu cinquenta por cento do que ele passou.

Então isso eu acho que nós professores indígenas não devemos repetir, esse tipo de ensino. Portanto a partir dessa formação a gente trabalha diferente, os conteúdos são pouco, mas o aluno tem que ter domínio do que está sendo repassado.

Para mudar a cara da educação escolar indígena em primeiro lugar precisamos construir o projeto político pedagógico da escola e ser este reconhecido pela SEDUC o modo como a gente quer trabalhar, senão a SEDUC vai continuar impondo conteúdos que não tem nada haver com a realidade dos alunos indígenas. Por exemplo, se nós tivermos o projeto político pedagógico nós vamos trabalhar da forma que os pais gostariam que seu filho aprendessem, não como a SEDUC coloca nos currículos que são várias disciplinas, iguais para todas escolas indígenas, como se os indígenas fossem todos iguais e que falasse a mesma língua em todo Brasil.

Eu particularmente não vejo a importância da Educação Física na comunidade até porque os alunos já convivem com ela por exemplo, correndo, pulando se atirando no rio, lago, subindo em árvores jogando futebol, pescando, andando de canoa, carregando mandioca junto com seus pais, plantando milho, então tudo isso aí faz parte da Educação Física na comunidade indígena. A Educação Física é mais para escola não-indígena porque as crianças não tem um ambiente livre e espontâneo, devido ao trânsito, a falta de espaço. Uma criança indígena tem toda liberdade.

Já falamos muito sobre a educação que a gente quer, mas ainda não chegamos à conclusão e começamos a trabalhar nessa sonhada forma de escola que desejamos para nossa comunidade.

A educação já começou pelo caminho que a gente deseja, mas ainda falta muitas coisas, por exemplo, a comunidade precisa se organizar mais porque a gente não quer uma comunidade assim: que um seja melhor que o outro. A gente quer uma comunidade unida e que tenha alimentos para todos. Não somos povo que acumula os bens, todo mundo sabe disso que indígenas não acumulam bens, então a gente quer viver de uma forma harmoniosa dentro da comunidade. Por exemplo: se tem comida pra um tem que ter para todos, se há um trabalho em mutirão todos vão fazer aquele serviço, se há projeto para sustentabilidade, todos vão participar.

Hoje o índio não pode mais sair da sua aldeia, do seu território. Antes alguns indígenas eram nômades, hoje não podem ser mais, porque tem certo limite que não pode ultrapassar que ele já está fora da Terra Indígena. Então hoje a escola e os professores, como nós, temos uma obrigação de perceber formas de sustentabilidade para nosso povo. Por exemplo, o projeto de criação de peixe, porque se a gente só tira da natureza um dia vai acabar. Então a gente tem que criar peixe específico para nossa alimentação, criação de abelha porque para desenvolver estas atividades não é necessário desmatar. Então um projeto que pense a sustentabilidade não explora a natureza, tudo é tirado de uma forma harmoniosa para o nosso sustento, assim ninguém prejudica a natureza e nem a natureza prejudica a gente.

Então são essas questões que hoje nós, professores, que passamos pelo Intercultural começamos a trabalhar, já sensibilizamos nossa comunidade

dessa forma, que as árvores para serem derrubadas tem que ter algum motivo importante. Não devemos fazer grande quantidade de derrubada porque um dia vai fazer falta. Então tudo isso aí é uma obrigação da escola, para nós já vivermos numa vida equilibrada dentro da comunidade. Essa parte aí já começou a mudar.

Existe uma diferença que vejo hoje que é na política dentro da comunidade indígena, isso antes não existia, ninguém tinha essa parte para dizer, sem essa formação, sem esse conhecimento ninguém enxergavam esse tipo de crime que nós mesmos cometíamos com a nossa floresta, nossos rios, nossa terra, devastação hoje não, hoje a gente já tem essa política que a gente começa a trabalhar com os outros que querem praticar esse tipo de ato.

As crianças já começam a trabalhar na escola os mitos, as histórias do nosso povo e as artes. Por exemplo, a gente já tem aula de artes onde confeccionamos marico que é um tipo de bolsa que a gente usa para carregar objeto, alimentação tradicional e fazer esteira. Todos estes conhecimentos ficaram muito tempo sem valor, principalmente para os jovens, hoje a gente está valorizando. Isso são mudanças que a gente gosta de ver, o jovem fazendo tudo aquilo que o povo mais velho fazia.

Também eu tenho um trabalho sobre plantas medicinais, que estão sendo conhecidas. Também estou com uma intenção de fazer um livro e fazer um livro para deixar dentro da nossa escola para servir de pesquisa do nosso próprio aluno. A gente tem hoje facilidade de poder registrar estes conhecimentos com uma máquina fotográfica, hoje podemos registrar esses conhecimentos que antes não podíamos. Então o que resta de nós, temos que agarrar essa causa e registrar de qualquer forma, para deixar na escola como uma fonte de pesquisa para nosso aluno.

Pena que não temos todos materiais para desenvolver esse trabalho porque exige muita coisa como máquina fotográfica, energia elétrica que não temos, então várias coisas. Mas assim com pouco que a gente tem vamos tentando fazer o que é possível, mas se a gente tivesse uma fonte onde conseguir todos esses objetos para registrar o conhecimento realmente do nosso povo a gente poderia estar procurando para isso ficar para o nosso aluno e servir de fonte de pesquisa para eles. Essas coisas, assim que a gente tem visto a forma, a direção que a escola toma.

Hoje na comunidade os meninos já ficam dizendo que querem estudar, querem ir para universidade, querem ser algumas coisas na vida, mas não pensam em ficar mais na cidade como antes pensavam, até era essa a nossa ideia. Hoje os alunos, tem outra ideia, querem estudar se formar e voltar para sua comunidade. Trabalhar como enfermeiro, doutor, dentista e outras profissões aí que tem mais dentro da sua própria comunidade. Isso hoje já é o resultado do nosso conhecimento que a gente já está repassando para eles, porque antes todo mundo queria estudar e ir embora da comunidade e hoje já não é mais assim.

Essa é a contribuição do Intercultural, nessa parte hoje os alunos querem estudar mas voltar para aldeia com outra visão e tentar ajudar aquele que não quis estudar ou não teve oportunidade e viver em harmonia como sempre a gente viveu, então o interesse nosso é o de fortalecer essa ideia na cabeça das crianças desde pequeno.

#### 4.1.2. Entrevista com a professora Alina Jaboti 2<sup>8</sup>

Meu nome é Alina Jaboti, moro na aldeia baia das Onças.

Depois que entrei no projeto Açaí aprendi a valorizar mais nossa cultura, porque antes do Açaí eu não dava mais valor na língua djeoromitxi, achava que era inferior a do não – índio, depois que fiz a Açaí mudei muito a minha mente e comecei a acreditar que a nossa língua tinha valor, desde aí, comecei a valorizar, apesar de que não falo mais a língua só entendo.

Depois que entrei na faculdade Intercultural, melhorou valorizo ainda mais. Também hoje eu domino os conteúdos que trabalho. Gosto do que eu faço, dou aula na comunidade com os conteúdos da própria cultura inserido história, geografia e ciências, tudo para mostrar como nós temos uma riqueza tão grande dentro de nosso conhecimento cultural do povo djeoromitxi.

Penso que para melhorar ainda mais a nossa escola, temos que ter o nosso próprio currículo, nós, professores, temos que fazer o nosso próprio currículo que tenha a nossa cara indígena e isso que temos que fazer em primeiro lugar. Vi que a educação na comunidade já mudou bastante até porque trabalhamos com a nossa própria realidade, buscando cada vez mais melhorar para uma nova descoberta.

Não penso em sair da aldeia para trabalhar fora, sempre o meu pensamento foi o de me formar e trabalhar na aldeia, porque sempre vi meus parentes sem professores para ajudá-los na sua formação. Hoje estou me formando para suprir a necessidade do meu povo.

Em relação à organização social da comunidade tenho dúvidas, mas acho que o povo tem uma vida social e cultural ainda, como por exemplo quando vão caçar, pescar, trabalhar e para colher tudo se faz ainda em mutirão. Eu acho que ainda estamos dando continuidade aos costumes dos nossos antepassados.

#### 4.1.3. Entrevista com o professor Armando Jaboti 9

A minha formação não é fácil, é difícil contar detalhadamente, mas me lembro quando estudei de primeira a quinta série, a maioria dos professores nossos eram não – índios. Eles não trabalhavam com a cultura, com os conhecimentos tradicionais, com língua materna, não valorizavam a nossa língua nem a nossa cultura. Eu fui alfabetizado só mesmo na língua portuguesa, até porque os professores que iam na nossa aldeia não era indígena, também não havia naquela época legislação que amparasse a educação escolar indígena.

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida pela professora Alina Jaboti na aldeia Baia das Onças no dia trinta de outubro de dois mil e quatorze, as nove horas e quarenta e cinco minutos.

<sup>9</sup> Entrevista realizada com o professor Armando Jaboti no dia cinco de março de 2015, às 11h, no município de Ji-Paraná.

Como não tinha reconhecimento que a escola indígenas fosse trabalhar a interculturalidade, o bilinguismo, só eram os conteúdos, as atividades e o material didático não indígena que eram trabalhados. Por essa razão a nossa própria língua não era valorizada, nem a nossa cultura, não valorizava, também, os costumes que são nossos tradicionalmente.

Então para mim a escola de hoje está diferente do que era no início quando chegou a educação escolar indígena na aldeia. Para mim é isso que eu tenho que dizer sobre esta minha formação. Até porque a minha formação foi dentro da aldeia era só do 1ª a 4ª séries. Não tinha mais o nível de escolaridade para continuar dentro da aldeia para nós estudar.

A primeira formação que eu tive foi com o IAMÁ - que quer dizer Instituto de Antropologia e Meio Ambiente que era coordenado pela Betty Mindlin de São Paulo. Esta instituição buscava recursos do exterior e começou a capacitar os professores indígenas do Estado. Porque tinha pessoas como eu, no caso, que não tinha formação para professores, não tinha conhecimento de como trabalhar na escola.

Então ela, preocupada com a situação da maioria dos indígenas do Estado de Rondônia, fez um projeto e mandou para o exterior, se não me engano me parece que até foi pra Noroega que forneceu um recurso para a instituição. Os cursos duraram quatro anos, ficávamos um mês estudando, a gente fazia através desta instituição.

Esse deu uma pista razoável para mim, na minha capacitação, na minha formação. E, a partir daí eu já comecei a ter uma noção do que é ser um professor, mas isso não estava sendo suficiente porque terminou o projeto e a gente parou ainda no ano de 1994. E fiquei parado por algum tempo.

O projeto Açaí trouxe uma visão já mais aberta sobre a educação. A gente estudou com professores que tinham conhecimentos sobre a causa indígena. Professores que já tinham trabalhado com outros indígenas lá fora e que tinha um pouco de conhecimento sobre os outros indígenas. Eles vieram pra cá dar o curso para nós. Neste período eu estava mais informado sobre a educação escolar indígenas.

O curso durou cinco anos. Para mim este projeto trouxe assim uma clareza sobre a cultura, sobre o valor de nossa identidade como a cultura, língua, costumes e nós mesmo valorizar e dizer que nós temos valor. Então o projeto Açaí para mim foi muito importante, na nossa parte, e também trouxe muitas formas de como a gente trabalhar dentro da nossa escola indígena, como ensinar, como preparar uma aula, um monte de situações que a gente não tinha visto ainda.

Esta formação deu uma clareza maior na nossa mente, que fez com que gente sentisse também como uma pessoa que tem valor. Foi isso que o Açaí trouxe para mim.

A universidade hoje está trazendo uma visão muito diferente do que eu tinha antes, porque hoje a gente vê que nossas escolas ainda precisam ser melhoradas, precisam de muitas coisas, precisamos organizar para que ela realmente seja vista como uma escola indígena diferenciada e de qualidade, mas isso vai depender do nosso esforço porque está garantido na lei que a gente tem que construir a nossa escola dentro de nossa realidade e que nós,

junto com a comunidade precisamos levar essas considerações mais adiante pra que isso realmente aconteça. Então hoje temos que trabalhar muito para mudar nossa escola, porque do jeito que está funcionando não está diferenciada de verdade. Está escrito na lei, mas não está como a lei disse que é para ser uma escola indígena. Então pra mim a Universidade está trazendo muitas soluções está também mostrando coisas que precisam ser solucionadas para que a escola seja uma escola diferenciada, bilingue, e intercultural de qualidade. Então para mim a Universidade tem e está trazendo esta visão, mas é muito trabalhoso, a gente tem que dar uma continuidade neste trabalho e a gente vai fazer com que nossa escola seja uma escola indígena de verdade.

Mas isso depende de nós se não vai ficar só no papel como está mesmo e nunca vai ficar uma escola indígena de qualidade e diferenciada, então são essas coisas que universidade mostrou para gente. Traz também muitas coisas para nos ajudar nos trabalhos na escola. Organizar nossa escola, como lidar com nossos alunos e até mesmo abrindo uma visão do que nós podemos fazer em melhoria de nossa comunidade de modo geral.

Eu acho que houve muita mudança após a nossa formação na nossa prática pedagógica na escola. A mudança parece que aconteceu de uma hora para outra, mas não é bem assim, acho que é um processo.

Hoje nós estamos valorizando a nossa língua e nossa cultura, nossos costumes de vida, nós estamos buscando, resgatando aquelas coisas que tinham acabado, estava escondida e tinha medo até de mostrar para a sociedade. A gente vem sofrendo muita pressão, diziam que as coisas indígenas eram ruins e feias e não era valorizadas. Hoje nós estamos buscando a valorização das nossas coisas e aí a nossa escola também está trabalhando em cima disso. E isso está abrindo a mente de nossas crianças, no sentido de elas também darem valor a tudo que é delas. Como são cidadãos, também têm direitos, merecem ser respeitadas.

Então os professores se qualificaram e está melhor do que estava antes. Até porque nossa escola, hoje, tem professores indígenas que aturam com os alunos de sexto ao nono ano. Até pouco tempo não era assim, a SEDUC não permitia que assumíssemos o segundo seguimento do ensino fundamental, mesmo já tendo cursado mais de 50% do ensino superior, os professores que foram dar aula eram pedagogos e assumiam todas as disciplinas. Hoje Já estão sendo reconhecendo que podemos assumir estas séries, a partir do ano de 2014 os professores indígenas já assumiram estas turmas. Isso vai trazer mais benefícios à comunidade.

Então com a formação que nós temos a nossa escola melhorou muito nesta parte e aí nossa comunidade também começou a se organizar melhor e trazer de volta algumas coisas que estavam escondidas, melhor dizer assim, e aí a gente hoje está no caminho do resgate e do fortalecimento de nossa vida e a gente leva na aldeia. Para mim está indo muito bem, no caminho certo.

#### 4.2. Relato de André Jaboti sobre sua experiência docente.<sup>10</sup>

Eu estudei pela primeira vez na escola Emergência 5 de Julho situada na Terra Indígenas Rio Guaporé, Aldeia Ricardo Franco, que fica nas margem direita do Rio Guaporé.

A escola tinha paredes de barro e era coberta de palha. No ensino fundamental, foi muito ruim para minha, porque os docentes eram não-indígenas e não tinham formação nenhuma, tinham apenas a quarta série, como diz o ditado todos os professores foram pego a laço para lecionar nas aldeias indígenas. Enfim, não conheciam a língua e nem a cultura do povo que ali vivia.

O meu primeiro professor se chamava Francisco Pellegrini, descendente de italiano um senhor de idade, ele foi o primeiro professor contratado pela FUNAI - Fundação Nacional do Índio, para trabalhar na aldeia Ricardo Franco. Era um professor autoritário e repassador de conhecimentos, porque ele pegava a cartilha e copiava no quadro as vogais e o alfabeto do jeito que estava na cartilha e obrigava todos os discente copiar igualzinho, se não fizesse igual ele pegava a borracha e apagava nosso trabalho, para começar tudo de novo, até que fizesse tudo igual a cartilha.

Na época era obrigado a aprender o português nas comunidades indígenas. Naquele tempo eu só falava na minha língua materna, portanto, não dava valor na língua portuguesa, para mim não fazia sentido nenhum àquela língua porque eu não entendia nada. Quando o docente passava sua aula eu saía para não assistir, chamava meus amigos Davi e Jorge os dois e falante *djeoromitxi*, por isso nos comunicávamos bem, nós conversávamos, trocávamos ideia sobre nossa caçada de flecha e contava história que nossos pais e avós contavam para nós em casa. Mas quando nós voltávamos para sala de aula o professor já falava alto: - logo de joelho! Rapidamente nós três íamos para frente da sala de aula ficar de joelho no piso da escola, como nós conversávamos na nossa língua materna, falávamos baixinho. Vendo isto o professor batia no quadro com um pedaço de taboca que usava dia-a-dia na sala de aula assustava a classe toda. Em seguida dobrava o nosso castigo de uma hora de joelho passava a ser duas horas a mais. Além disso, falava que nós tínhamos que falar o português a qualquer custo, porque a nossa língua era gíria, feia e que não valia nada. Ao ouvir isto ficávamos muito tristes.

Com o tempo não frequentava mais a aula. Saía de casa para ir a escola, mas não chegava lá, no meio do caminho encontrava meus dois amigo e combinávamos para não irmos

---

<sup>10</sup> Relato de minha experiência de formação realizado no período de setembro de 2014 a abril de 2015.

à escola. Escondia o nosso caderno debaixo da palha dentro de um saco de arroz de cinco quilos e aí nós saíamos para fazer o que nós mais gostávamos de fazer que era flecha e tocaia para flechar passarinho. Só voltava de tarde, a minha mãe e meu pai me dizia: - filho estuda para entender o português, escrever, ler e falar para nós não sermos mais enganados pelo homem branco, não seja "burro igual eu". Ele falava como se não soubesse de nada, eu ficava pensando porque estudar, não sabia para que ia servir o meu estudo na minha vida, eu não tinha conhecimento da sociedade do não-índio, para mim não faltava nada, porque os meus pais cultivava amendoim mandioca, banana, arroz, cana, mamão, feijão, carne de caça e o peixe.

Levou muito tempo para eu sentir o gosto da escola eu já tinha oito anos de idade não sabia o que era uma educação escolar de verdade. Assim mesmo fiz o gosto dos meus pais e continuei a estudar, fiz a primeira e segunda series com o professor Monteiro a terceira com a professora Maria Ivani – funcionária da FUNAI, a quarta série fiz com a professora Audelia Paz e Ligia Bezerra.

Com esses professores não havia os castigos como antes, o ensino era todo na língua portuguesa, eles ensinavam como se soubéssemos a língua, ou como se fosse a minha primeira língua. Com esses docentes eu aprendi a ler, escrever, interpretar e as quatro operações na matemática e pensar em estudar e falar mais o português, arrumar um emprego e sair da aldeia para morar na cidade como os filhos dos não-índios. Essa era a ideia de nós, estudante daquele tempo. Parecia que a gente não tinha nada pra fazer na aldeia, além de estudar, parecia que não tinha jeito mais de ficar ali, a direção era estudar mais arrumar um emprego e ficar na cidade.

Com a educação implantada na comunidade tendo como objetivo a integração dos indígenas, a nossa língua e a nossa cultura foram se enfraquecendo, a língua *djeoromitxi* era falada só dentro de casa, na roça, na caçada e nas pescarias fora de sala de aula, nunca ninguém da escola valorizou a nossa língua e cultura.

Logo depois, terminei o quarto ano, me mudei para a Baía das Onças, onde meus pais já estavam morando. Com o tempo tive família, me casei com 17 anos de idade, hoje sou pai de três filhas e quatro filhos.

Depois a FUNAI em conjunto com a prefeitura contrataram uma professora chamada Dulce Deike para ministrar o supletivo na comunidade Ricardo Franco na escola Emergência 5 de julho. Ela é historiadora e trabalhava com todas as disciplinas. Como eu já havia mudado de Ricardo Franco para Baía das Onças fiquei imaginando como iria estudar. Para chegar da

minha comunidade a outra demorava quatro horas de viagem de barco ou a pé. Então andei quatro horas para me matricular e pegar o módulo para que eu pudesse estudar só em casa, afinal andar todo final de semana para fazer quatro avaliação não foi tão fácil, mas consegui terminar os módulos do ensino fundamental até oitava série na época, hoje seria nono ano, no ano de 1995.

Ao terminar todo o esse estudo eu já nem pensava mais em falar a minha língua e nem saber da minha cultura, ficou vivo só na minha memória, meu pai falava comigo na nossa língua eu respondia em português, entendia, mas não queria mais falar, a escola me fez envergonhar da minha língua materna e da minha própria cultura. Fez com que eu gostasse de uma outra cultura que não tinha nada ver com a minha vida como o povo *djeoromitxi*. Somado a isso tinha a convivência com outros povos na mesma terra indígena que não facilitava em nada o uso da língua *djeoromitxi*, para nos comunicar com outras etnias falávamos o português.

No mesmo ano que terminei o supletivo, a prefeitura de Guajará - Mirim ofereceu o teste seletivo, quem tirasse a média teria um contrato de professor para atuar em sua comunidade. Eu fiz o teste e passei com média de seis e meio. Logo fui contratado emergencialmente para trabalhar na escola emergência 5 de julho que fica localizada na terra indígenas rio Guaporé na margem direita do rio Guaporé, a 380 km distante do município de Guajará-Mirim, estado de Rondônia. Então me mudei da Baía das Onças para Ricardo Franco. Lembro muito bem que não tinha experiência docente para trabalhar com meus alunos, a secretária já mandava o currículo pronto para repassar aos nossos alunos, trabalhei um ano como professor daí fui exonerado, porque acabou o contrato.

Terminado o contrato com a prefeitura, o Estado de Rondônia contratou os indígenas emergencialmente, eu fiquei nesta aldeia por quatro anos. Depois retornei para a Baía das Onças para trabalhar na escola Alexandrina Nascimento Gomes.

No ano de 1998, com muita luta das lideranças indígenas de Rondônia, o governo criou o projeto Açaí para habilitar os professores indígenas em nível de magistério, nesse projeto eu estudei durante cinco anos, foi muito bom porque eu me reconheci como um povo ou uma nação *djeoromitxi*, com língua diferente, religião diferente, história diferente, cultura diferente e o modo de pensar e viver diferente. Ao mesmo tempo conheci mais o vocabulário da língua portuguesa. Diferenciando as duas culturas percebi que o português falado na minha comunidade não serve para se defender das palavras que os políticos usam oficialmente no seu discurso, ao ver essa diferença penso que tipo de estudo da língua portuguesa queremos

que os nossos alunos aprendam na escola indígenas. Além de eu estudar o projeto Açaí, tinha que ouvir crítica sobre a nossa aprendizagem pelos administradores da FUNAI, Dídimo Graciliano de Oliveira, ele falava que a educação indígena naquele momento ia por rio a baixo, porque nós indígenas não ia mais competir com os não índios e que nosso estudo não ia valer para nada, ao invés de crescer nós estávamos diminuindo a qualidade do nosso estudo e que era inferior aos não indígenas. Ouvindo isso o meu primo Vandete falava *Será que vale a pena nós estudar? Eu estou pensando de desistir do curso*, dizia ele. Eu falava pra ele: - *Nós estamos no fogo, agora vamos nos queimar para ver o que vai dar daqui pra frente*, Como se nós não fossemos aprender nada no Projeto Açaí.

Quando iniciou o curso tinha 58 pessoas no pólo de Guajará, de várias etnias com escolaridades diferentes, isso causou muito problema. Não foi tão fácil porque já tínhamos nos acostumado com a educação que era colocada para nós. Então não gostava quando o professor falava na cultura e língua materna e na educação bilíngüe, eu ficava triste porque eu já tinha vergonha de falar e cantar na minha língua. O que me motivou a voltar e gostar novamente foi uma apresentação do povo Gavião na abertura do curso, muitos jovens gavião acompanharam o senhor Catarino Gavião para fazer sua apresentação. Para clarear mais ainda a minha memória. Os professores falavam dos valores étnicos de cada povo, com isso foi me fortalecendo. Com isso se não me falhe a memória comecei dar valor a minha comunidade, minha cultura e língua materna. Isso que eu senti do efeito do Projeto Açaí, senti também que realmente a minha identidade foi fortalecida como povo *djeoromitxi*. No projeto Açaí, então, eu aperfeiçoei meu conhecimento no nível de magistério. Recordo o projeto Açaí como a formação que me trouxe de volta a minha cultura, minha língua, minha história e reconhecimento da minha identidade como um povo de cultura como qualquer outro povo.

Em 2004, fui titulado pelo estado em nível de magistério indígenas de Rondônia. Após a formação passei mais cinco anos trabalhando em sala de aula, na escola Emergência Cinco de Julho, sem reajuste do salário.

Em 2008, a Universidade Federal de Rondônia, campus de Ji-Paraná, após reivindicação de nós, professores, juntamente com lideranças indígenas, aprova o curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural para formação de professores indígenas de Rondônia. Eu ingressei na universidade em 2009, no primeiro vestibular. Para mim entrar na faculdade não foi fácil, mas minha grande vontade era estudar para ajudar meu povo, para não ser enganado, como dizia meu pai quando me incentivava a estudar. Minha expectativa era de conhecer coisas novas na Universidade, pensei que universidade era um lugar que tinha que

chegar e aprender aquilo que tinha na faculdade. Na verdade era um engano porque apesar de ter um projeto tinha que construir um novo conhecimento, no decorrer das aulas.

Durante o curso me especializei na área de ciência da linguagem, arte, literatura e língua materna. A área de linguagem eu escolhi porque queria fortalecer minha língua e a arte, aprender mais sobre minha língua e a escrita da língua. Os professores que ministraram o curso foram: Edineia Aparecida Isidoro Reginaldo Nunes de oliveira, Kécio Gonçalves Leite, Genivaldo Fróis Scaramuza, Maria Lucia Cereda Gomide, Luciana Castro de Paula, José Joaci Barbosa, João Carlos Gomes e Paulo Sérgio Dutra, outros professores de outros departamentos participaram da minha formação: Josélia Gomes Neves, Aparecida Augusta da Silva, Lidiane Szerwinsk Camargos.

Durante todo esse tempo de estudo o meu trabalho melhorou na minha comunidade, tivemos ideias próprias e estamos vendo o resultado de nossos estudos na minha comunidade, temos conversado com a comunidade para pensar mais na cultura, nos alimentos, na língua e também formar os alunos como pensadores. Acho que hoje os alunos pensam mais, já entendem o que realmente eles querem, o que eles são, a que povo eles pertencem, que a língua e cultura são bonitas e não apenas a dos outros.

### **Analizando os dados entrevistas e relato...**

As entrevistas com os professores mostram a sua trajetória escolar e como a sua formação foi importante. Percebi pelas falas dos professores e pela minha reflexão sobre minha prática que o principal ponto de fortalecimento da nossa cultura partiu do Projeto Açaí. Observem as falas.

Se não tivéssemos participado da formação dos professores indígena, primeiro no projeto Açaí e agora na Universidade, que é o intercultural, nós não tínhamos descoberto esse valor que temos hoje. Estamos lutando cada dia para que isso fique vivo ( José Roberto)

Depois que entrei no projeto Açaí aprendi a valoriza mais nossa cultura, porque antes do Açaí eu não dava mais valor na língua Djeoromitxi, achava que era inferior a do não – índio, depois que fiz a Açaí mudei muito a minha mente e comecei a acreditar que a nossa língua tinha valor, desde ai, comecei a valorizar, apesar de que não falo mais a língua só entendo. (Alina Jaboti)

O projeto Açaí trouxe uma visão já mais aberta sobre a educação. A gente estudou com professores que tinham conhecimento com a causa indígena.

Professores que já tinham trabalhado com outros indígenas lá fora e que tinha um pouco de conhecimento sobre os outros indígenas. Eles vieram pra cá dar o curso para nós. Neste período eu estava mais informado sobre a educação escolar indígenas. (Armando Jaboti)

Não apenas está na fala, mas isso vai aparecer na prática dos professores. José Roberto vai dizer como a formação influenciou na sua prática como professor, pois fez compreender a importância de ensinar a cultura, a língua e então influenciar na formação dos mais jovens

Hoje na comunidade os menino já ficam dizendo que querem estudar querem ir para universidade, mas querem ser algumas coisa na vida, mas não pensam em ficar mais na cidade como antes, essa era até nossa idéia, hoje os alunos, tem outra ideia, querem estudar se formar e voltar para sua comunidade. Trabalhar como enfermeiro, doutor, dentista e outras profissões aí que tem mais dentro da sua própria comunidade.

Com esta fala mostra uma repercussão por meio da prática do professor nos seus alunos. Os alunos querem estudar e voltar para sua aldeia, contribuir com o povo. Também estão se reconhecendo como indígena. Os alunos estão sendo formado para pensar na comunidade, na cultura e na vida social da comunidade. Estão aprendendo que nossa língua tem que ser fortalecida.

Os professores falam do Intercultural que trouxe uma visão diferente, de perceber os problemas da educação não indígena e da própria educação escolas indígena e tentar melhorar.

A universidade hoje está trazendo uma visão muito diferente do que eu tinha antes, porque hoje a gente vê que nossas escolas ainda precisam ser melhoradas, precisam de muitas coisas, precisamos organizar para que ela realmente seja vista como uma escola indígena diferenciada e de qualidade.

Observando as entrevistas comprovei que a minha hipótese de que o projeto Açaí trouxe uma clareza sobre nós mesmos e mostrou que era importante fortalecer a nossa identidade, buscando cada vez mais o conhecimento tradicional do nosso povo.

#### 4.3. Repercussões da formação na aldeia...

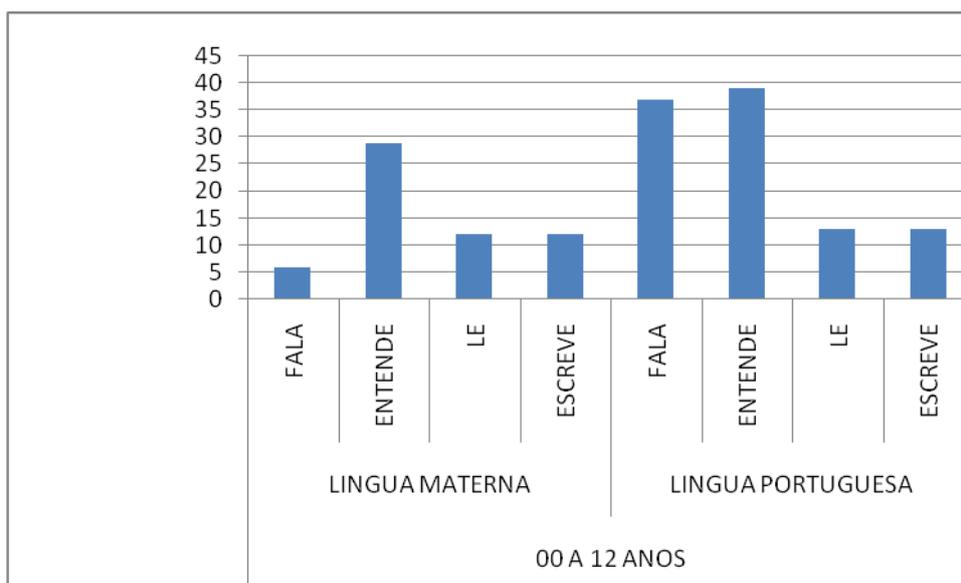
##### **4.3.1. A proficiência nas línguas djeoromitxi e portuguesa.**

Posso dizer que as repercussões da nossa formação na aldeia Baía das onças aconteceu desde Projeto Açaí, primeiro com a gente mesmo, depois na escola/comunidade.

Uma das repercussões é o aprendizado da língua materna, tanto oralmente, quanto na escrita.

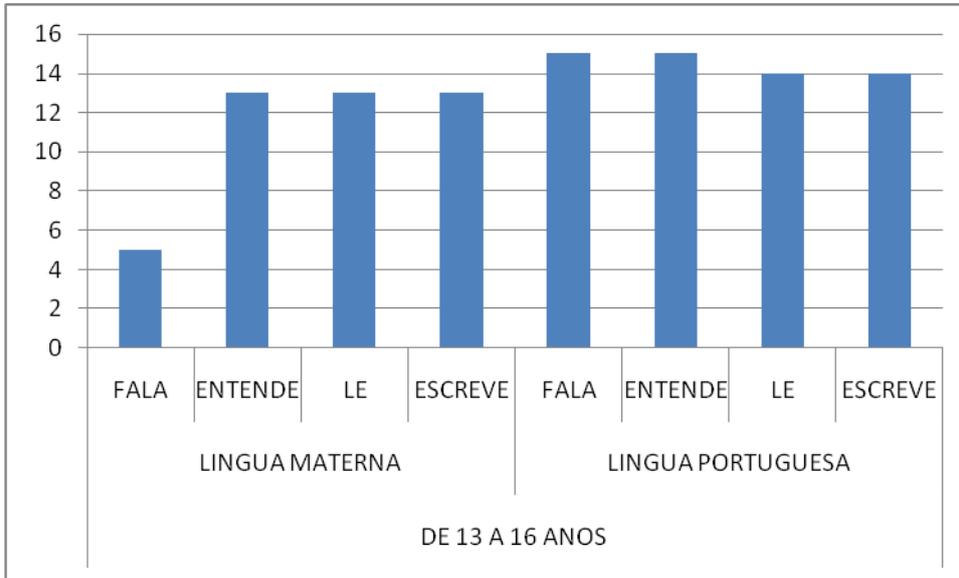
Fizemos um levantamento de todas as pessoas da aldeia quem fala, entende, lê e escreve as línguas *djeoromitxi* e portuguesa. Enfocamos a língua indígena *djeoromitxi*, mas na aldeia são faladas também a língua Makurap. Estes dados levam em consideração que a língua *djeoromitxi* está em processo de fortalecimento. Então quando dizemos entende, estamos considerando também o entendimento de palavras soltas como de animais e objetos, assim como a escrita. Para analisarmos mais profundamente a proficiência teremos que aprofundar nossa pesquisa.

**Gráfico 3- Proficiência das línguas- LD e LP 0 a 12 anos**



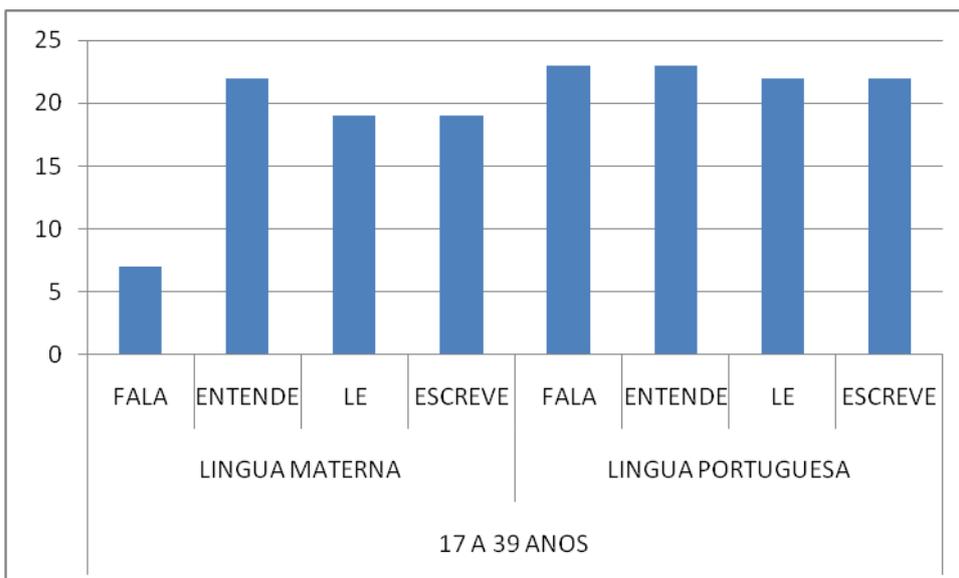
Das 39 pessoas observadas nesta idade percebemos que poucas falam a LD, mas já entende e falam mais português. Mesmas que as crianças não falam a língua elas estão entendendo, porque esta língua está sendo ensinada na escola. Tem algumas que entendem bastante porque a língua é usada em casa, outras entendem palavras, porque aprendem só na escola.

**Gráfico 4 - Proficiência das LD e LP 13a 16 anos**



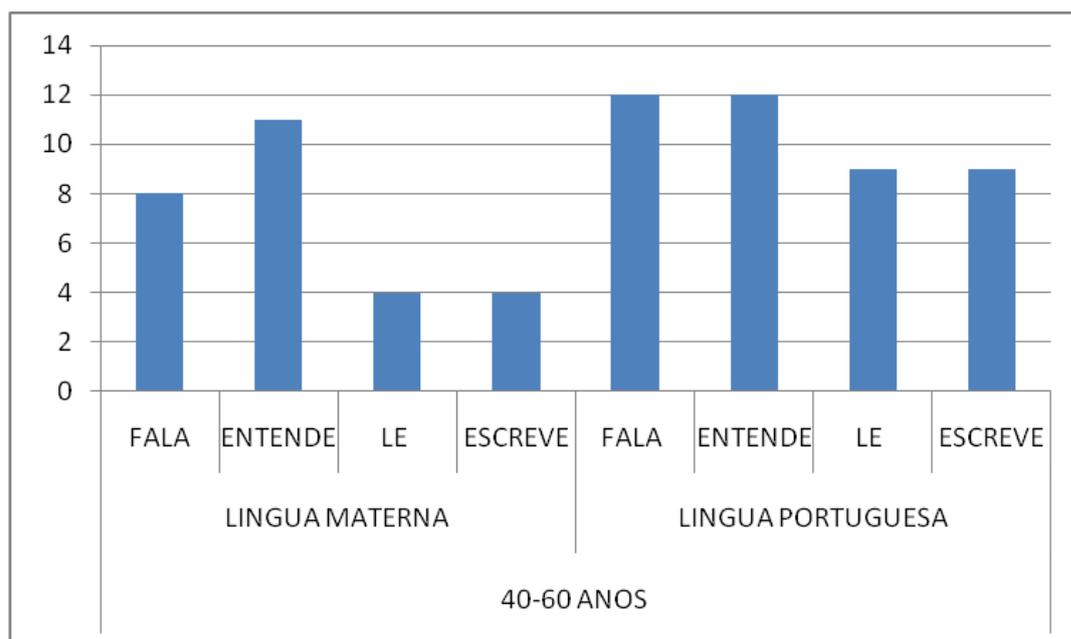
Nesta idade foram observadas 15 pessoas. Percebe-se que a língua mais dominada é o português, mas que a maioria entende a LD ( língua *djeoromitxi*), e que isso antes não acontecia. Entre esses jovens sempre a gente percebe que usam a LD nas brincadeiras, então a língua em alguns momentos apesar de raros, já está sendo usada na cotidiano, nos nomes das pessoas, e também dão apelidos na LD. Entre os jovens isso não acontecia mais.

**Gráfico 5 - Proficiência das línguas LD e LP de 17 a 39 anos**



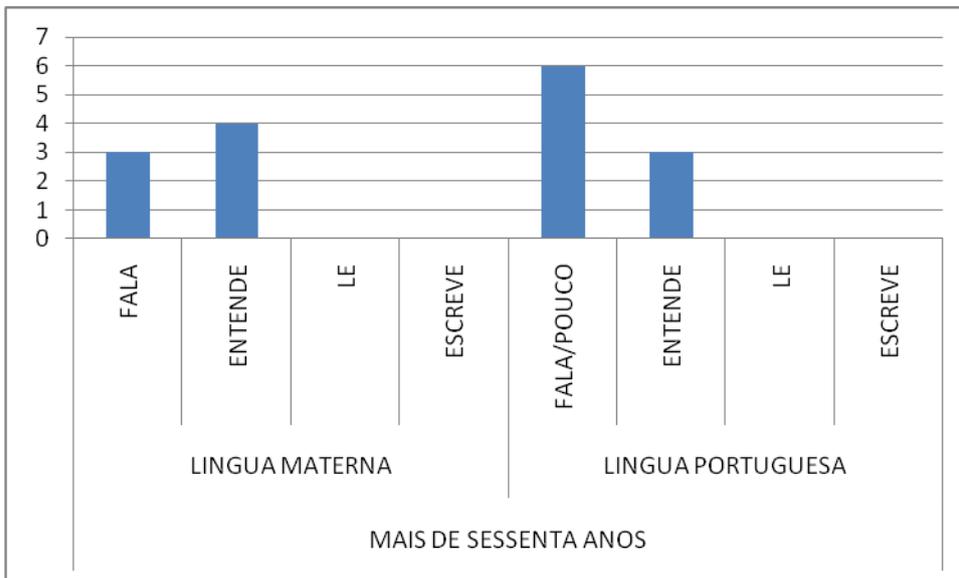
Foram observadas 40 pessoas desta idade. A gente percebe uma situação bem parecida com a faixa etária anterior. Estas pessoas já sofreram proibições e preconceitos com relação à língua e cultura durante muito tempo. Vemos que ainda a maioria não fala a LD, mas entende e aqui entende mais que palavras, entende discurso, mas não consegue falar, lê e escreve bem a LD.

**Gráfico 6- Proficiências das Línguas LD e LP de 40 a 60 anos.**



Das doze pessoas observadas, algumas das pessoas que fazem parte desta pesquisa, foram os que mais sofreram proibições, quase todos falam a língua hoje, isso é fruto do trabalho da escola e da consciência que temos hoje sobre a língua. Alguns desses escrevem e lêem. Percebemos também que tem o domínio da LP e alguns não escrevem, nem lêem em português.

**Gráfico 7- Proficiência das Línguas LD e LP em pessoas com mais de sessenta anos.**



Foram observadas seis pessoas, primeiro são pessoas que não sabem ler, nem escrever. Dessas seis duas pessoas só falam Makurap, muito pouco ou quase nada o português. Um outro fala Makurap, português e entendem djeoromitxi. Uma outra entende e fala djeoromitxi e uma só entende esta língua. Neste caso a língua é usada diariamente. Com netos e filhos, que respondem em português e às vezes na língua. Um fato interessante que mora com a avó, a avó sempre fala em *djeoromitxi* com ela, ela entende tudo, mas não fala. Questionada ela disse que não consegue falar, que a língua não consegue falar as palavras em djeoromitxi.

Percebi que a escola está contribuindo para o aprendizado da língua djeoromitxi.

#### **4.3.2. O aprendizado da língua por meio de músicas, história e artes.**

O ensino da língua na escola é trabalhado por meio de elementos culturais como as músicas, histórias, artesanatos, pintura corporal. Hoje as crianças e jovens e adultos cantam as músicas, nas festas. Às vezes vemos crianças cantando as músicas djeoromitxi em casa, embalando na rede, nas pescarias. Meu filho, por exemplo, gosta de cantar quando vai pescar. Nas caçadas também usam a língua principalmente para nomear os animais.

Hoje o cacique tradicional quer que todos os sábados tenha festa tradicional com as crianças para fortalecer mais rápido possível e ensinar as crianças.

Segue alguns exemplos de histórias e musica djeoromitxi.

### **PAKO TÄRORÜ Ä DJE.**

Pako õ ä pfore ä hikäpfohä,bsirukuku rätehä, irätehä txi pära,idjidjirü txi pära na ma ä kunïtxiretxi, kunïtxiretxi Pepe a txi tumï,tewä riri Pepe a txi tumï,na ma ä bzirukuku räterü kuhia txi tumï, idjidjirü kuhi a dje txi tumï.

Na ä käpfõ hä päää, tutu txiii inraterü txi na a pikutxe idjidjirü txi na ä käpfõhä,pako ma pepehä nï Oto Oto kunïtxire ä na ä txi bäru txi wahä nï,tewä riri natxi, na txi hubihere a txi na hä tõ, na ä heäkäpfõ, pupupupu na ä nï në ë, kamanë ebe akädjirü ro boro hibe, hainë ipsihe iräneä medjü txa nï, hiäbehä piro, behä hikurua ä te.

Na küro txi djeki eä pehä kunïtxire hõkübü pe pfu,eä txõrõrõ pfuu hikä djerenë rowahä,maré nõtxe,hipfodjiruä bzikunï hikä djenëre ku kakü ä nï.

Na ä hiawahinï hiätõnhänï pfuu,hiätõnhä pfuu nï,nere hiteboka ruküäbzikunï txõrõrõ dji rukükü ä bzikunï.

Hõbeka txi wahänï eä txõrõrõ habzikäkä ä hihõbziru ä bzi kunï.

### **DJIRI OPÄREHÄMA.**

Na bo txiü ma opärehä, txiü opäre ä pfore ä ma txanïñ në inehi hinïñ nëükü nï na boa, opärehä, käpfõhä, nenï onõñkã txehä inïkãtxi hari djeetu na ä eä wahä e o nïñküte wahinï e ä txïhinï pee wero, na ma ta rutxe, kütürüre rutxe, tumï,aro nï txere,tumï käpfõhä nere hirainõ be,tumï arotökabutxi,arotxi tumï käpfõ ere bohi, kubutxixia käpfõhä, bama nõtxe käpfõhä e ä wahä e ä txõrõrõ pfuu, e ä noko txi wahä,hibzi txi wahä eä küki pära.

Pära hinõkotxi e ä bäpsi pfuu ,e ä bä ä nï, äñ eä txõrõrõ pfu nï, djepe,bünïridje, Nï txere aro nï txere, na ä djepe häwi bahä,kutxe ba,nïte hiopäre a mane,txiü Rute o pärehäma në.

**DJEOROMITXI ROWA**

Pabekatxi bo hõrawärawä,  
 Pabekatxi bo hõrawärawä  
 Pabekatxi bo hõrawärawä  
 Hõrawäwä hõrawärä  
 Bziuitxitxi nõberi hõrawärawä  
 Bzirutxitxi nõberi hõrawärawä

**BORE**

Abore ma nẽ txiruküwewe  
 Abore ma nẽ txiruküwewe  
 Nĩ nõtxere e bore ma ne  
 Txirutõkü wewe txirutõhü wewe  
 Nĩ nõtxe re e abore ma nẽ  
 Txirukü wewe txirukü wewe

**APIRO MEDJÜRO**

Apiro medjü ro  
 Iuitxi nĩ nõhä nĩ  
 Apiro medjü ro  
 I uitxi nĩ nõhä nĩ  
 Nõhä nĩ nõhä nĩ  
 Apiro medjü ro  
 Apiro medjü ro  
 i uitxi nĩ nõhä nĩ  
 nõhänĩ nõhä nĩ.

**Imagem 4- Pintura corporal na cuia**



Créditos – André Jaboti

**Imagem 5- Mulheres fazendo linha de algodão.**



**Imagem 6- Crianças fazendo tere - (tipo berço para criança)**



Créditos – André Jaboti

**Imagem 7- Alunos construindo banco de pajé**



Créditos – André Jaboti

**Imagem 8- Artesanato djeoromitxi feito pelos alunos**



Créditos – André Jaboti

**Imagem 9- Tocaia construída pelos alunos**



Crédito Kadjé Jaboti

Estes trabalhos foram feitos pelos alunos em projeto organizado pela escola com duração de uma semana, no mês de abril. Para realizar o trabalho fiz uma reunião com os alunos explicando os objetivos do trabalho, dividimos em grupo de trabalho: pintura corporal, tocaia, esteira, fio de algodão, comida tradicional. Cada grupo de meninas e meninos ficaram com uma atividade. Depois apresentamos para comunidade, no dia 19 foi realizada um teatro falando sobre o surgimento da comunidade djeoromitxi com os alunos

Estes e outros trabalhos destacando a cultura têm sido feito na escola e já tem dado resultados. Algumas meninas já fazem esteira. Alguns sabem fazer artesanato masculino assim eles aprendem os nomes dos objetos na língua djeoromitxi.

### 3.3.4. A linha do tempo da perda a retomada de nossa língua e cultura

Se eu fosse concretizar uma linha do tempo pra pensar o processo de perda e retomada da nossa cultura e língua a partir de minha experiência, faria assim:

LÍNGUA E CULTURA FORTE	ENFRAQUECIMENTO E QUASE PERDA	CONSCIÊNCIA DA IDENTIDADE	FORTALECIMENTO E RESULTADOS
Infância e casa de meus pais - até nove anos de idade.	Escola e convivência com outros Povos em 20 anos.	PROJETO AÇAÍ -retomada de consciência sobre a sua língua e cultural.	Autonomia - Aprofundamento

Por meio da minha pesquisa percebi que muito antes de eu entrar na escola até os nove anos de idade a língua era forte, na nossa família só se falava na língua materna, mas isso eu não percebia que tinha importância e que já estava sofrendo mudanças, um dos motivos eu acho é que nós não estávamos na nossa terra tradicional, Hilton apud Isidoro (2006, p. 58), afirma que “a perda das línguas indígenas está intrinsecamente ligada à usurpação das suas terras, à destruição do seu *habitat* e à assimilação involuntária dos costumes da sociedade não-indígena”. A gente morava um pouco longe dos povos, então o contato era mínimo, o que era bom porque a gente aprendia com os mais velhos, a língua e a cultura. Tinha pouca influência, na época nem tinha muito casamento interétnico. Na medida em que o contato foi aumentando fomos sofrendo mais influência. Por eu não conhecer a história do nosso povo na época para mim estava tudo bem.

A aldeia Ricardo Franco não era terra tradicional de nenhum dos povos que hoje vivem lá, ou seja, ajuru, makurap, djeoromitxi, aruá, kanoé, massaká, cujubim, entre outros, na época da demarcação eles foram levados pelo SPI para ocupar aquele espaço e também para servir de mão de obra para trabalhar na retirada de dormente. Devido à diversidade de etnias a língua que usada para comunicação era a portuguesa.

Um motivo de nossa cultura e língua enfraquecer quase desaparecer foi a nossa entrada na escola. A escola não considerava as línguas dos povos que ali viviam, as aulas eram ministradas em português e ainda diziam que nossa língua era feia, era gíria e que não servia de nada para o nosso futuro. Isso me deixava muito triste, faltava mais a aula que assistia. Ao longo do tempo fui me acostumando e deixando de falar a minha língua, ou seja, me envergonhando, daquilo que um dia foi a minha primeira língua. Para acostumar com uma cultura que não tinha nada a ver com a minha identidade.

Então foi possível verificar por meio das entrevistas e da reflexão sobre a minha trajetória que as relações interétnicas, a concepção integracionista presente na comunidade por meio da SPI/ FUNAI e na escola foi o que mais contribuiu para o enfraquecimento de minha língua e cultura. Essa ideia de que a língua portuguesa era importante, mais do que a nossa, era passada pra gente. Meu pai me dizia: "Meu filho estuda para você entender o português, para não ser enganado igual eu." Então eu me convenci de que falar o português era o mais importante. Com relação a minha língua como a escola dizia que ela não servia, eu achava que não servia mesmo, que era só pra falar, nunca pensei que a língua fosse morrer.

Percebi na minha pesquisa que esse tempo de muita pressão e de perda por todos estes motivos duraram aproximadamente 20 anos. Eu falava em português naquele momento porque eu e meus colegas queríamos aprender. Para ajudar os mais velhos, porque era mais bonito e que assim a gente poderia chegar a algum lugar. Daí por diante eu aprendi a gostar de estudar, não falava mais na língua, mas ficaram algumas coisas na minha memória. Pensava que meu estudo ia me levar para algum lugar. Posso afirmar que eu aprendi a ler escrever, interpretar e as quatro operações.

Como já disse meus pais foram para a Baía das Onças para tentar ficarem mais só os *djeoromitxi* e porque a terra era muito boa. Quando fui morar lá meu jeito de pensar era esse com relação à cultura e a língua, mas lá eu ouvia mais *djeoromitxi*, mesmo com vergonha, lá eu comecei falar mais, algumas vezes misturava, começava falar em português e voltava na língua. A mudança para Baía das Onças também contribuiu para a que a língua *djeoromitxi* tivesse mais espaço.

Nesta trajetória vi que o projeto Açaí foi o marco da retomada de nossa identidade. De perceber que tinha uma coisa que era só minha: minha língua e minha cultura. Para mim foi um projeto que trouxe de volta o meu sorriso, a minha identidade e minha cultura e o jeito de pensar como um povo. Não importa tudo o que perdemos quero conhecer mais sobre a cultura do meu povo, ensinar aos meus alunos e a comunidade, buscando cada vez mais a melhoria de vida da comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar a contribuição da formação dos professores indígena para a instauração de políticas de fortalecimento da língua e cultura Djeoromitxi na comunidade Baía das Onças. Então a questão que eu quis responder foi: A formação dos professores djeoromitxi da Baía das Onças contribuiu e está contribuindo para uma prática de fortalecimento cultural e da língua na comunidade?

Quis desenvolver esta pesquisa porque via que nos fortalecemos muito, principalmente no decorrer do projeto Açaí, que nos fez voltar mais a atenção para a nossa língua e cultura, então quis ter certeza disso, se foi por meio da formação dos professores que nós, professores *djeoromitxi*, nos voltamos mais para a realidade da nossa cultura e língua.

Li vários textos que me ajudaram a fazer esta reflexão tais como: terra Grávida, Betty Mindlin (1999), estes me ajudaram com relação à história do povo. Depois li o texto Pesquisa em Memória Social de Ecléia Bosi (1993) para entender o que um relato autobiográfico, que utilizei para escrever as minhas memórias de formação. Li também relatórios do projeto Açaí e o Referencial Curricular para as Escolas Indígenas (1998) na parte de legislação e linguagem. Fiz depois entrevistas com a minha mãe para saber mais sobre a nossa história, entrevistei os professores djeoromitxi onde relataram sobre o processo de formação, entrevistei os professores do Açaí para saber mais sobre a história do Açaí, fiz um relato sobre minha trajetória de formação. Depois investiguei a situação da língua na comunidade e observei algumas aulas pra verificar o trabalho dos professores.

A entrevista do professor Cristóvão e o relato da professora Edineia mostram que o projeto Açaí teve como objetivo o fortalecimento das culturas indígenas e a discussão de políticas linguísticas e foi um momento muito importante para a educação escolar indígena de Rondônia. Estas afirmações são confirmadas a partir das entrevistas com os professores

*djeoromitxi* onde apontam o projeto Açaí como um ponto importante para os reconhecimentos e o fortalecimento da sua língua e cultura principalmente.

Ao falar sobre a minha formação por meio de um relato autobiográfico foi possível fazer uma linha do tempo onde pude marcar o tempo quando a língua e a cultura estavam fortes, até meus nove anos, um tempo onde houve muita perda, antes de entrar na escola, depois o quase desaparecimento da língua *djeoromitxi* durante vinte anos após quando comecei a estudar na escola da aldeia e tive contato mais intenso com as outras etnias, em seguida percebemos o fortalecimento e o reconhecimento da língua e cultura *djeoromitxi* a partir da formação de professores indígena no projeto Açaí, depois na Universidade uma maior condição de conquistar a autonomia e o aprofundamento no sentido de ter aprendido mais sobre o meio ambiente, a importância da língua, fortalecimento do pensamento *djeoromitxi*.

Por meio da formação dos professores realmente a nossa língua e cultura estão sendo fortalecidas. A escola é um elemento fundamental para isso, nas minhas observações percebi as crianças e jovens mesmo não falando a língua já entendem muitas coisas, escrevem e lêem. Muitos pais estão ensinando, mas muitos ainda não ensinam a língua em casa, a escola acaba fazendo este papel. Existem muitas atividades voltadas à cultura e a comunidade fica mais animada por isso. A comunidade parece assumir a sua identidade, quem eles são e sentem orgulho de ser, isso através da minha observação pude perceber.

A partir deste trabalho meu desafio é o de continuar fortalecendo cada vez mais a língua, a cultura, as artes, as ervas medicinais enfim os conhecimentos tradicionais, por meio da escola e na comunidade. Além deste quero que um dia todos *djeoromitxi* da comunidade utilizem a língua no cotidiano das suas casas e os conhecimentos tradicionais que são importantes, ainda possam conviver com os conhecimentos importantes que a gente traz da Universidade e de outras relações que temos com a sociedade não-indígena.

Espero que este trabalho contribua para construir o Projeto Pedagógico da escola e sirva como um incentivo para os mais jovens no sentido de continuar valorizando nossa cultura.

## REFERÊNCIAS

ALBÓ, Xavier. El futuro de los idiomas oprimidos. In **Política Lingüística na América Latina**, Pontes, 1988

BRASIL, **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOSI, Ecleia, **A Pesquisa em Memória Social**, psicologia USP, s. Paulo, 4 (1/2), p.277-284-1993.

CASPAR, Franz. **Tuparí (Entre os índios, nas florestas brasileiras)**, 1953. Tradução de M.N.de Souza Queiroz. Ed. Melhoramentos. São Paulo.

HAMEL, Rainer Enrique. **La Política del Lenguaje y el Conflicto Interétnico – Problemas de Investigación sociolingüística**. In: **Política Lingüística na América Latina**. (Org). Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

ISIDORO, Edineia Aparecida. **Situação sociolingüística do povo arara: uma história de luta e resistência**. Goiânia, UFG, dissertação de Mestrado. 2006.

Neves, Josélia Gomes. **Cultura Escrita em Contextos Indígenas** – Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara- São Paulo, 2009.

MINDLIN Betty. **Terra grávida**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/Record, 1999.

MONTE, Nietta Lindenberg. **E agora, cara pálida? Educação e povos indígenas, 500 anos depois**, **Revista Brasileira de Educação**, Set/Out/Nov/Dez 2000 N° 15.

\_\_\_\_\_, Nietta Lindenberg. **Os Outros, quem Somos? Formação de Professores Indígenas e Identidades Interculturais**, Caderno de Pesquisa n° 111, p. 7-20, 2000.

Neves, Josélia Gomes. **Cultura escrita em contextos indígenas**. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2009.

PEREIRA, Andréia Maria, PAULA, Jania Maria, ISIDORO, Edineia Aparecida, **PROJETO AÇAÍ: Uma Experiência de Educação Escolar Indígena em Rondônia**. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem20/COLE\\_1642.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem20/COLE_1642.pdf), acessado em 07 de agosto de 2015.

SURUI, Gamalonô, **O ENSINO DE LINGUAS NA ESCOLA PAITER: Instrumento de fortalecimento cultural?**, monografia, Licenciatura em Educação Básica Intercultural, Departamento de Educação Intercultural, Universidade Federal de Rondônia, campus de Ji-Paraná, 2015.

Em Aberto, Brasília, v. 20, n. 76, p. 148-153, fev. 2003.

SEDUC, **Projeto Açaí**, Governo do Estado de Rondônia, Projeto de Educ. Escolar Indígena, 2004.